

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MULHERES “CASCA GROSSA”:
Um estudo sobre o engajamento e a permanência de mulheres no Futebol 7

THAÍS COUTINHO TOSCANO DE OLIVEIRA

Porto Alegre
2022

THAIS COUTINHO TOSCANO DE OLIVEIRA

**MULHERES “CASCA GROSSA”:
Um estudo sobre o engajamento e a permanência de mulheres no Futebol 7**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação
Física da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como requisito para
obtenção do grau de Bacharel em
Educação Física

Orientadora: Profa. Dra. Ariane Corrêa Pacheco

Porto Alegre
2022

Eu dedico este trabalho à criança (menina), que nos anos 90 sonhava em jogar futebol, que nunca desistiu e que ressignificou cada adversidade, fazendo amigos pelo caminho e tornando esse esporte parte essencial da sua vida.

THAIS COUTINHO TOSCANO DE OLIVEIRA

MULHERES “CASCA GROSSA”:
Um estudo sobre o engajamento e a permanência de mulheres no Futebol 7

Conceito Final: _____.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Luiz dos Santos Silva – UFRGS
(avaliador)

Profa. Dra. Ariane Corrêa Pacheco – UFRGS
(orientadora)

AGRADECIMENTOS

Na vida a gente começa a dar valor às coisas, quando amadurece e entra em outra fase ou momento da vida, em que consegue também se isolar para analisar o percurso e não só considerar os sucessos. A ficha começa a cair e tudo começa a fazer sentido. O principal de tudo sempre foi ele, “O futebol”. Conquistei o meu espaço, me reconheci, me encontrei e me perdi, pra poder me reconstruir. Tudo que eu sou hoje é porque, facilitada pela bola, conheci e vivi coisas sensacionais, que eu sempre sonhei, mas nunca imaginei que poderia se tornar tão real. Cada pessoa que cruzou o meu caminho se mostrou importante. Conheci meus ídolos, fiz cursos absurdamente bons, presenciei os jogos olímpicos e paralímpicos. Eu não sei como agradecer por tudo isso. Apesar de tantas conquistas pessoais, a coisa que mais me orgulha foi encontrar pessoas próximas que me inspiraram e me mostraram que era possível tornar tudo isso real. Um líder arrasta, pelo exemplo. E eu tive a sorte de treinar e conviver com muitas pessoas especiais. Pude aprender muito. Cada detalhe, hoje, eu reconheço como parte importante na minha formação, como profissional e como pessoa. Sempre que eu achava que sabia de alguma coisa, o futebol me apresentava alguém novo, para eu aprender mais e descobrir que não sei nada. Eu aprendo todos os dias com você, futebol. Obrigada! Obrigada aos times, às companheiras de equipe e aos meus treinadores. Sou privilegiada de ter cruzado o caminho de tanta gente excepcional, de conseguir arrastar e ser arrastada pelo exemplo. Obrigada por me ensinar a perder e mesmo assim não desistir; obrigada por me apresentar meus melhores amigos, meus maiores exemplos e me fazer perceber que os sonhos podem ser realizados. Mesmo que não da forma como imaginamos quando criança, mas muitas vezes ainda melhor. Obrigada por transformar lágrimas de tristeza em alegria e me fazer tão feliz, de ver onde chegamos juntos. Obrigada por ser parte de mim. E, principalmente, obrigada por me deixar ser parte sua também. Eu te amo, Futebol.

MULHERES “CASCA GROSSA”:

Um estudo sobre o engajamento e a permanência de mulheres no Futebol 7

RESUMO

O futebol de mulheres é uma realidade que cada vez mais vem ganhando espaço, gerando engajamento e aumentando o número de praticantes ao longo dos últimos anos. Assim como o futebol de campo e o futsal, o futebol 7 se mostra uma modalidade importante nessa luta. A partir deste contexto, o presente estudo aborda de que maneira as mulheres que se engajam sistematicamente com o futebol 7 e como significam a modalidade. Metodologicamente, o estudo seguiu uma abordagem qualitativa e foi desenvolvido por meio de entrevistas semi-estruturadas, realizadas com 5 mulheres atletas, jogadoras de futebol 7, que competem por times da Federação Gaúcha de Futebol 7. Os principais relatos foram organizados e analisados nos seguintes capítulos: Iniciação: a formação para os significados do futebol ao longo da vida; Vida adulta: interrupções, negociações e os preconceitos em outra fase da vida; O futebol 7 jogado pelas mulheres. No decorrer desses capítulos foram abordando assuntos relacionados a gênero, sexualidade e os preconceitos enfrentados nas diferentes fases da vida. Assim como, também são apresentadas as principais motivações e os principais incentivadores da prática, os motivos de interrupções e as negociações que precisaram ser feitas para sustentar a permanência dessas mulheres. Por último, evidencio que a importância da competição e como essas mulheres enxergam a si mesmas e as outras mulheres inseridas no futebol 7, discutindo aspectos referentes ao desenvolvimento da modalidade.

Palavras-chaves: Futebol de mulheres. Futebol 7. Gênero. Sexualidade. Competição.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	UMA TRAJETÓRIA DE APROXIMAÇÃO E RECONHECIMENTO DO PROBLEMA DE PESQUISA.....	10
1.2	OBJETIVO GERAL.....	15
1.2.2	Objetivos Específicos.....	15
2	REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1	MULHERES E ESPORTES: UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICA DE TENSÕES	16
2.2	O FUTEBOL DE MULHERES.....	20
2.3	CONSTRUÇÃO DO FUTEBOL 7.....	26
2.3.1	As mulheres no futebol 7.....	29
3	METODOLOGIA	32
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	38
4.1	INICIAÇÃO: A FORMAÇÃO PARA OS SIGNIFICADOS DO FUTEBOL AO LONGO DA VIDA COM VISTAS À PROFISSIONLIZAÇÃO	38
4.2	VIDA ADULTA: INTERRUPÇÕES, NEGOCIAÇÕES E OS PRECONCEITOS EM OUTRA FASE DA VIDA.....	46
4.3	O FUTEBOL 7 JOGADO PELA MULHERES.....	54
5	CONSIDERAÇÕES FINAS	61
	REFERÊNCIAS	64
	APÊNDICES	68

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) trata de relatar e de refletir sobre a prática do futebol de mulheres, especificamente na modalidade Futebol 7. Levando em consideração o papel do profissional de Educação Física nesse contexto, o presente estudo poderá contribuir no entendimento do esporte futebol 7, particularmente no contexto do futebol de mulheres, que está situado num espaço/tempo de lazer e sustentado por uma sólida rede de sociabilidade feminina. Dito isto, esta pesquisa tem como objetivo compreender como os significados de uma prática esportiva se articulam com a sustentação da mesma num espaço/tempo de lazer pautado pelo rendimento, em relação ao contexto e atribuições de vida de mulheres que se dedicam ao futebol 7. Para isso, foi preciso analisar de que maneira as mulheres que se engajam sistematicamente com a modalidade, significam a prática, e como sustentam esse vínculo em seu cotidiano, assim como também o vínculo com a modalidade. Nesse sentido, duas perguntas mobilizaram a trajetória inicial da pesquisa: o que elas fazem para permanecer? O que as faz permanecer?

Podemos ver em diversos contextos esportivos, tanto profissionais quanto amadores, atletas relatando suas trajetórias e justificando sua luta por espaço na modalidade. Assim como no futebol de campo e futsal, as mulheres estão, a cada dia, ganhando mais visibilidade, incentivo para ingresso e condições de se sustentarem como parte importante nas competições. Além de treinarem por lazer, o cunho competitivo mostra um viés mais intenso em questões de objetivos a serem alcançados. A partir da vivência de atleta de futebol 7, sabemos que a maioria dos times dispõe apenas de aproximadamente 2h semanais para treinar. Sendo assim, não existe tempo a perder para estas mulheres e prioridades precisam ser definidas. Já que, além dos treinos, ainda tem os dias de jogos (competição), estudo, trabalho, cuidados com a casa e família, compromissos pessoais, entre outros aspectos a serem considerados nas suas rotinas. Tudo isso precisou ser levado em conta quando pensamos no contexto desta pesquisa. A partir dessas reflexões que as discussões deste estudo foram baseadas nos seguintes pilares de problematização: Como se deu a iniciação esportiva destas mulheres; quais as interrupções e negociações ao longo de suas trajetórias até os dias atuais; como elas se veem e como percebem as outras nesse ambiente competitivo do futebol 7.

Este TCC se faz importante para que mais alunos/as e pessoas que estejam inseridas nessa conjuntura possam compreender e discutir o processo de aceitação e desenvolvimento da modalidade. Assim como conhecer os principais desafios, motivações e situações enfrentadas diariamente por quem opta por permanecer competindo de forma amadora.

O principal intuito é que esse trabalho sirva para desmistificar a presença das mulheres no futebol 7 competitivo, revelando uma profundidade maior de desafios, que se sobrepõe ao jogo em si, indo às origens e abordando as batalhas diárias vividas por cada uma delas. Cabe destacar que nas bases de dados pesquisadas para o desenvolvimento desse estudo percebo que ainda se encontra em processo de formação o campo de pesquisas sobre esse tema (mulheres no futebol 7), o que pode se justificar por ser considerada uma modalidade relativamente nova.

1.1 UMA TRAJETÓRIA DE APROXIMAÇÃO E RECONHECIMENTO DO PROBLEMA DE PESQUISA

O “meu Pedaco”¹, foi assim que eu defini a minha relação com o futebol. Desde pequena eu vivi futebol. ‘Jogava bola’, com meus tios, com os guris, em casa, no colégio, na rua, na Praça. Putz! Joguei muita bola na praça! O futebol sempre foi o lugar onde eu me senti mais à vontade! Seja no estádio, nas quadras de parquet com a bola pesada, seja na quadra de sintético com aquelas borrachinhas que sujam a casa toda, ou então na grama / no barro, com “roseta”, “micuim”, de pé no chão, de tênis, tirando tampão do dedo no asfalto, goleira de chinelo. É com a bola no pé ou na mão que tudo fica bem, a vida faz mais sentido, esse é o meu lugar. Nesse espaço, como muito se diz, não é apenas um jogo, mas um modo de vida, lugar de pertencimento, onde criamos vínculos e reconstruímos nossas identidades. Jogando bola e no ambiente do futebol eu fiz muitos amigos, conhecidos e parceiros de vida. As relações sociais externas ao jogo me aproximaram de muitas pessoas e construíram a minha personalidade, tanto pessoal quanto profissional. Devo muito a esse ‘pedaço’, que é parte essencial de mim e dá total sentido à vida que venho construindo.

Dito isso, vou contextualizar de forma cronológica a minha relação com o futebol, como apaixonada e praticante. Como disse anteriormente, desde pequena eu jogava bola, em casa, com meus tios, duelava num corredor estreito entre os quartos, derrubávamos os quadros das paredes, quebrávamos os castiçais da minha avó diversas vezes, colocávamos em risco os espelhos. Eram confrontos épicos, “saia faísca”, dava confusão, briga e, principalmente, muito aprendizado e diversão. Nunca foram justos os jogos no corredor, eu era menor, mais fraca, e, entre carrinhos e “bombas”, tinha sempre uma choradeira. No entanto, era extremamente divertido, competitivo e motivante. Pra vencer no corredor passei a treinar chutes no portão da garagem, cabeçadas, dribles entre garrafas, condução e controle de bola. Algumas bolas surrupiadas e perdidas nos vizinhos, outros resgates nos telhados e terrenos, várias cicatrizes pulando muros, tudo por causa das bolas. Sem falar que

¹ Referente ao texto de José Guilherme Cantor Magnani, Festa no pedaço: cultura popular, publicado em 2003.

muitos “treinos” eram de manhã cedo e o pessoal não gostava muito de ser acordado com bola no muro, no portão, na janela. Tomei algumas muitas broncas.

Com os guris, no colégio, eram mais equilibrados os jogos. Tínhamos a mesma idade e ninguém tinha maturado ainda, do jardim de infância até mais ou menos a quarta série. Meu uniforme precisava ter proteção nos joelhos, por causa do futebol, levava muito a sério, acompanhava bem os meninos e até me destacava em relação aos gestos técnicos e performance. A partir desse período percebo que começou a diferenciação, eles iam a escolinhas e, naquele momento, era difícil lugares que aceitassem meninas. Além disso, também era difícil de convencer minha mãe de que, como menina, era algo bom jogar futebol. Eu dei meu jeito. “Treinava” em casa, por mim, até que entrei no futsal da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), na cidade de Porto Alegre. Apenas eu de menina, fiz escolinha dos 10 aos 12 anos. Meus tios eram meus espelhos, eles tinham quase se profissionalizado, um no “salão” e o outro no campo. Eu era muito fã deles e tinha o sonho de jogar futebol no Sport Club Internacional, mas nunca pensei que fosse algo possível, principalmente porque só apareciam os homens como profissionais.

Em conjunto a essa situação, minha mãe dizia que não me deixaria jogar por só ter “machorra”, “sapatão”. Eu não fazia ideia do que significava, mas parecia ruim e ameaçador. De qualquer forma, segui jogando na escola, com meus amigos, e nas praças. Fui evoluindo. Convenci minha mãe a me colocar na Escola (de futebol) da Duda, fiquei 1 ano. Competi pela primeira vez no feminino, conheci meninas, vivenciei muitas coisas. Jogando na praça conheci alguns meninos, passei a jogar com eles com frequência e permaneci, por uns 6 anos, jogando todo o final de semana (das 15h da tarde até quase 23h), e algumas quartas a noite. Nesse período, dos meus 13 aos 17, me desenvolvi muito jogando na rua, quase entrei na equipe feminina do Grêmio Football Porto Alegrense, mas comecei a namorar e abandonei qualquer objetivo de jogar profissionalmente.

No percurso da minha trajetória, eu jogava todas as vezes com homens e contra homens. Poucas vezes vi meninas jogando naquele espaço. Praças escuras, horários intermediários, “gurizada” de todo canto. O melhor horário para jogos bons era à noite ou ao entardecer. Alguns finais de semana, à tarde, até rendia, mas com ‘níveis’ muito desiguais. A parte “pegada” era sempre num fim de tarde e noite mesmo. Só que essa situação, para uma guria/mulher/adolescente no

meio de uma maioria masculina, ficava complicado de explicar em casa, que queria ficar mais pra jogar o que identificava como o 'futebol bom'. Os guris eram em sua maioria muito parceiros, mas isso depois que eu conseguia provar que merecia estar naquele espaço com eles. Sim, porque existiu resistência. E continua existindo. Uma gurria "precisa" ser aceita nesse ambiente. E com isso vem junto alguns fatores. Durante as práticas, são poucas as que não escutam e, de forma recorrente, as mulheres vivenciam situações em que são estereotipadas, questionadas sobre a sexualidade, sobre seu entendimento da prática e também objetificadas.

Entrei na faculdade, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e a primeira coisa que procurei foi o time de futebol. Queria retomar o sonho, tentar algo. Me avisaram que não havia meninas suficientes e horários que pudesse atender a procura, mas que existia sim um time de futsal e lá fui eu, de novo no futsal. Sem dúvidas foi a melhor coisa que me aconteceu na vida. Meus melhores amigos, minhas referências, meus espelhos e inspirações saíram desse projeto. Em relação a técnica, eu evolui muito e taticamente também. Me envolvi, com o esporte, com o jogo, mas principalmente com o ambiente. Eu pertencia àquele lugar. O contexto me ajudou a superar dificuldades, crescer como pessoa, como profissional e sinto que uma camisa carrega a minha história. Pertencer a esse coletivo significa fazer mais do que jogar uma bola, é como quando tu escreves um novo parágrafo de quem tu és, e posso dizer que eu sou um time, eu sou uma família, eu sou da UFRGS! Tudo que eu me tornei eu devo a essa universidade e esse grupo que me abraçou. Cada oportunidade teve origem ali, pra onde eu fui, o que me motivou, nas horas ruins foi lá que eu tive segurança, foi de onde tirei a força pra enfrentar o que viesse. Quando eu visto essa camisa, eu sei que eu sou mais forte, e que eu tenho as melhores comigo. Entrei no futsal da UFRGS em 2012, com 18 anos. E durante todo o tempo, a partir desse início, levo comigo os ensinamentos e exemplos de pessoas e situações que surgiram pelo caminho.

Foi em 2012 que surgiu uma situação competindo pela UFRGS, que me proporcionou a oportunidade de em 2015 mudar para o Rio de Janeiro e ingressar na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nessa instituição foram 3 anos de muito aprendizado também e uma evolução enorme no lado pessoal. Com relação ao esporte, tive muitas vivências e experiências únicas, relacionadas ao futsal principalmente, conheci o trabalho de referências no esporte, pessoas que

agregaram muito na minha formação acadêmica e na minha concepção de vida. Em 2018 resolvi voltar para o Rio Grande do Sul, com muito mais maturidade, mais conhecimento e muita saudade dos amigos e da família.

A bola me move, mas são as pessoas que eu tenho do meu lado que me motivam a melhorar. E foi nisso que pensei ao voltar. Queria concluir a graduação e voltar a jogar pela UFRGS, com meus amigos. Quando voltei, também acabei conhecendo mulheres que jogavam Futebol 7 e competiam por diversão. Treinavam 1 vez na semana e queriam se divertir. Comecei a jogar com elas pela amizade, mas - como sou muito competitiva- acabei puxando-as mais pra esse lado também. Eu usava os treinos do Futebol 7 como complemento e experiência para agregar nas quadras de futsal, mais vivência, algumas aprendizagens. No final de 2018 eu estava totalmente envolvida, treinava 3 vezes na semana futsal, 2 funcional e nos sábados e domingos Futebol 7. Como eu queria competir mais, e elevar o nível da competição, sai do time mais recreativo que estava e fui competir pelo 'É AS GURIAS', no futebol 7. Conheci o time pelo meu instrutor do funcional, que me recomendou para elas. Troquei os sábados pela quartas e continuei na rotina insana de treinos. Vestir uma camisa e levar pra quadra o meu melhor é o mínimo que eu posso fazer por quem esteve do meu lado em todos os treinos, deixar tudo em quadra é a única forma de retribuir o incentivo e a confiança de quem pega junto. Tem jogos que são complicados, duros, dolorosos. Mas difícil mesmo é não poder ajudar, correr, fazer tudo aquilo que eu treinei, aquilo que eu sei que sei fazer.

Durante muito tempo eu me cobreí muito, eu quis ser cinco de mim, quis ser a melhor que podia, em tudo ao mesmo tempo. Aí eu quebrei, literalmente. Lesão de joelho e há sete dias da principal competição da UFRGS. Logo depois me perguntei porquê. Por que na hora que eu achei que estava pronta? Por que naquela hora, exatamente quando eu estava mais focada? Eu treinava todos os dias, mas eu também me cobrava todos os dias por não ter sido suficiente. Eu queria estar sempre melhor, usava todo tempo pensando em como melhorar, e aí não tinha tempo pra pensar no que eu já fazia bem. Eu atrolei os descansos, atrolei o tempo, pensando em chegar lá. E há uma semana do "lá", a vida me mostrou que eu precisava mais de mim do que precisava chegar lá. Foram 6 meses de crises de ansiedade, de treino, de choro, de cobrança, de auto sabotagem em outras áreas da vida, não só na bola e no treino. Na hora tão esperada o inesperado te mostra que tu

precisas parar, entender melhor ainda o que te move, pra seguir em frente mais forte. Então partiu aprender. Apreendi mais um pouquinho nessa parada. Olhei de fora, melhorei minha leitura de jogo, analisei bem o processo. Aproveitei o processo, valorizei cada passo. E voltei, com bem mais calma, e respeitando meus limites tanto físicos quanto psicológicos. Foquei no que podia fazer com o que eu tinha à disposição. Encontrei prazer em jogar novamente, porque antes era uma obrigação, uma pressão interna para render, tinha mais estresse do que retorno.

Na equipe 'É AS GURIAS' conheci uma pessoa muito importante, que hoje é parte essencial da minha vida, que me guiou pelo caminho do trabalho, que me inspirou profissionalmente e que tenho o prazer de dividir a vida. É engraçado como as coisas acontecem, eu poderia ter encontrado com ela em qualquer momento da minha trajetória no futebol, ela caminhou paralelamente a minha história fazendo a dela. Ela jogou no Grêmio quando eu quase fui pra lá. Ela era muito amiga de uma das gurias da UFRGS, que eu era bem próxima também. Ela jogou na mesma escolinha que eu, mas era do turno oposto. Estudou perto da minha casa, mas nos conhecemos mesmo jogando futebol 7, no momento em que eu estava machucada. Hoje, a gente briga pra ver quem compete mais, treina junto e joga junto. Mas o que me deixa intrigada é que apesar de cada uma ter a sua trajetória, paramos no mesmo lugar, entre percalços, mudanças de rumo e retomadas. E assim como ela, outras, algumas amigas, conhecidas, adversárias tem o mesmo destino.

Muita coisa vem mudando nesse tempo em que eu deixei de ser criança e me tornei mulher. Em certo dia fui ao parque do Humaitá e consegui identificar algumas gurias jogando juntas numa quadra, porém quando os meninos chegaram elas cederam a quadra e ficaram observando. Depois, no mesmo dia, observei outras meninas jogando na grama alta do parque, meninas jovens, crianças, mulheres brincando com a bola, jogando futebol. Fico feliz de ver cada vez mais as gurias com bola, porém me questiono até que ponto nos sentimos pertencendo a este ambiente. Digo pertencer por simplesmente sermos mulheres que gostam de jogar futebol. Sem ter que ser aprovada ou demonstrar algum merecimento para ocupar aquele lugar. Sem precisar sentir medo de sermos insuficientes ou sofrer alguma violência, seja física, verbal, emocional

No contexto do futebol, já vivenciei situações de briga, já voltei no escuro - correndo pra evitar algumas situações -, já não fui em alguns lugares ou

competições por medo. Assim como, também, já deixei de lado o futebol por causa de relacionamentos (não só afetivos/amorosos, mas sociais também), já o fiz para focar nos estudos, por compromissos de trabalho, questões de saúde, dentre outros inúmeros motivos. E tenho certeza que não sou a única. A partir dessas questões também me pergunto o que nos faz permanecer, voltar, tentar, insistir e ter ambições referentes ao futebol. Quais são essas ambições? Quais as renúncias e negociações, e como influenciam para esta permanência? O que ainda nos motiva a jogar e competir?

1.2 OBJETIVO GERAL

Considerando o processo reflexivo que mobiliza essa pesquisa, o objetivo está na direção de compreender como os significados de uma prática esportiva se articulam com a sustentação da mesma nos contextos e atribuições de vida de mulheres que se dedicam ao futebol 7.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Compreender as principais causas de interrupções da prática do Futebol, por parte das mulheres.
- Compreender os principais desafios enfrentados para a permanência dessas mulheres no futebol 7 competitivo.
- Compreender como essas mulheres negociam com seus deveres e obrigações para permanecerem ativas.
- Compreender como essas mulheres percebem o futebol de mulheres na modalidade futebol 7.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo é formado por um conjunto de discussões que compõem o referencial teórico desse estudo. Nesse sentido, os debates iniciam no subcapítulo destinado a apresentar um percurso histórico da relação entre as mulheres e o esporte. Na sequência, o segundo capítulo se destina às discussões sobre o futebol de mulheres. Por fim, o terceiro eixo de discussões está focado nos referenciais sobre o futebol 7 e sobre as mulheres no contexto dessa modalidade.

2.1 MULHERES E ESPORTES: UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICA DE TENSÕES

Durante este capítulo farei uma breve retomada e reflexão mais ampla sobre a relação entre esporte e mulheres no Brasil. Buscando uma compreensão mais abrangente dessa articulação, percorri o processo buscando apresentar uma trajetória histórica de tentativas de interdições e distanciamentos produzidos para o controle e/ou afastamento das mulheres do esporte.

Segundo Furlan e Santos (2008), o processo de inserção das mulheres no universo esportivo tem sido bastante conturbado e marcado por muitas barreiras e dificuldades. Dito isto, é importante destacar que apesar de algumas delas já terem sido vencidas, ainda existem muitos desafios a serem superados.

Vamos então ao início. A história contada, e difundida, apresenta uma narrativa de que desde os primórdios os homens são diretamente associados à virilidade, agressividade, às práticas de caça, lutas e guerras, visando a sobrevivência, contexto este justificado pelo instinto primitivo. Com isso, nas primeiras arenas, os espetáculos e as exibições em coliseus sempre foram protagonizadas pelos homens. Inclusive, nos primeiros jogos olímpicos era proibida a participação das mulheres (WELCH; COSTA, 1994 apud KNIJNIK, 2003). Sendo assim, ainda segundo as discussões de Welch e Costa (1994), tínhamos um programa pensado e fruído por homens. Pierre de Frey, conhecido como o Barão de Coubertin, e primeiro presidente do Comitê Olímpico, expõe sua ideia sobre a participação das mulheres e sua função nos jogos:

[...] via os jogos como festivais de esporte para os homens de todo o mundo, brancos e jovens de classe alta. A antiga exclusão que os gregos faziam das mulheres em seus festivais era totalmente aceita por

Coubertin, o qual via os 'seus' jogos da era moderna como um meio de preparar os jovens rapazes franceses para o serviço militar, assim como para os papéis de liderança no governo e nos negócios. Tal postura colocava a participação feminina como irrelevante (WELCH; COSTA, 1994 apud KNIJNIK, 2003, p.24).

O esporte, inicialmente pensado por homens e para homens, com seus conceitos e objetivos bem definidos, era colocado na direção de atender a determinados públicos e necessidades, referentes a uma cultura e construção histórica machista, dominadora. Nesse contexto, a mulher era vista como um ser frágil e de funções irrelevantes, apesar de também ser responsável por gerar e cuidar dos filhos. Brown (1960), citado por Romero, (1994, p.226), afirma que “as diferentes culturas esperam que homens e mulheres tenham papéis distintos na sociedade, antes mesmo de nascer têm suas vidas delineadas com expectativas de seus pais”.

No Brasil, foi só no início do século XX que começou a aparecer maior relevância e interesse das mulheres na prática de exercícios físicos. Segundo Goellner (2005), as mulheres passaram a ter maior visibilidade e o que pode ter ajudado para que isso ocorresse foi a participação da primeira mulher brasileira nas Olimpíadas de Los Angeles, em 1932 (GOELLNER, 2005). Souza (2011), ainda acrescenta a ideia de que,

[...] além disso, as atividades físicas e os esportes passaram a se popularizar a partir da intervenção dos médicos higienistas, aliado aos discursos dos intelectuais brasileiros, que salientam que, com a prática de esporte, de exercícios corporais, a mulher teria um estilo de vida mais higiênico e saudável. Naquela época, a prática também era recomendada para o fortalecimento da raça e a boa maternidade (SOUZA, 2011, p.7).

Esse discurso sobre a relação entre as práticas corporais e as mulheres está presente também nas reflexões de Furlan e Santos (2008) que, além de concordarem, ainda destacam que

[...] o fortalecimento do corpo feminino através dos exercícios era visto como uma maneira de preparar as mulheres para sua condição de mães. Porém não eram todas as atividades que poderiam ser praticadas e recomendadas, e o futebol com suas características masculinas, era considerado muito violento (FURLAN; SANTOS, 2008, p. 37).

Além disso, considero que a crença que a mulher é um indivíduo frágil e que deve permanecer o mais meigo e amável possível, conservando suas características

de feminilidade e evitando atividades que possam demonstrar e desenvolver aspectos que tenham alguma referência a agressividade, liderança, imposição, ou qualquer aspectos referente a características que fujam do modelo de mulher-mãe e que assumam funções masculinas pelo olhar popular, permaneceu. Os estereótipos, desigualdades e interdições direcionados às mulheres se materializam, 1941, na decisão, sustentada pelo Estado na Era Vargas, que limitou institucionalmente a prática esportiva pelas mulheres. Foi através da implantação do Decreto-Lei de número 3.199, que consistia em proibi-las de praticarem esportes que não estivessem de acordo com a sua natureza (FRANZINI,2005). As modalidades proibidas foram: a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball.

Complementando o que foi relatado acima, também havia os esportes que poderiam ser praticados pelas mulheres, pois “acreditavam que esportes com suavidade de gestos, e condicionamento físico seriam os mais adequados “às futuras mães” (FERNANDES, 2019, p.13), dentre os quais o voleibol, o tênis e a natação.

Entretanto, a lei foi caindo em desuso e, aos poucos, as mulheres voltaram a praticar o futebol, o que ocasionou um segundo período de proibição no período da Ditadura Militar. No ano de 1965, então, o Conselho Nacional de Desportes (CND) colocou em prática o Decreto-Lei estabelecido no Governo Vargas anteriormente (MENTZ, 2018, p.19).

O Decreto-Lei só foi revogado no ano de 1979. Quando o diretor da Confederação Brasileira de Judô, Joaquim Mamede, teve a iniciativa de inscrever quatro atletas mulheres para o campeonato Sul-Americano. O mesmo trocou o nome das atletas por outros nomes, masculinos, no cadastro do CND. Ao retornar ao Brasil, ele se reportou ao CND apresentando as medalhas conquistadas pelas atletas. Se tornando este o estopim para a queda do decreto (SILVA, 2012).

Pensando de maneira geral, apesar da resistência e das práticas ‘nas sombras’ (escondidas ou fora da lei), esse período também pode ser considerado como de relativo atraso em relação a outras modalidades não proibidas. Tanto em questões de desenvolvimento pessoal, quanto evolução das modalidades em si, pois como foram impedidas de jogar institucionalmente, as mulheres não tinham como se aperfeiçoar tecnicamente, nem se profissionalizar ou desenvolver o esporte de outra forma caso não tivesse ocorrido a proibição (SALVINI; SOUZA; JÚNIOR, 2015).

Durante esse período em que o decreto estava vigente, o que se desenhava era “a promoção de uma justificativa biológica para os papéis sociais distintos a serem exercidos por homens e mulheres em virtude de uma organização corporal diferenciada” (ROHDEN, 2017, p. 4). E “a diferença seria expressa através da fisiologia e das formas corporais, mas se apresentariam também através das emoções, comportamento e intelecto” (MENTZ, 2018, p.20). A mesma autora ainda acrescenta, que

Contudo, algumas autoras se propuseram a desnaturalizar a diferença biológica e conceber tanto o corpo quanto o sexo por meio de sua interação com o social [...] consideraram o gênero como socialmente construído, inserido em um meio passivo, o corpo, ou mais especificamente o sexo, entendido como natural. (MENTZ, 2018, p.20)

Furlan e Santos (2008, p. 30) afirmam que “no Brasil, a situação das mulheres nas relações de gênero é marcada por espaços de contradições, ideologias e discriminações”. Completando, Fernandes (2020, p. 17) conclui que as mulheres se encontram “aprisionadas à esfera doméstica: cuidar da casa, procriar, cuidar dos filhos, eram impedidas do exercício de expressão; numa concepção tradicional de educação, passada de geração em geração”.

Em sua pesquisa, Mentz (2018) destaca que

[...] tal discurso, na verdade, revela que os períodos de proibição não têm a ver com a prática do esporte, mas sim com uma suposta subversão das mulheres em abandonarem o lugar privado e sua “função natural” de reprodutora para ocupar um espaço considerado socialmente masculino”. (MENTZ, 2018, p.19).

Assim, podemos afirmar que, apesar encontramos as mulheres inseridas no esporte atualmente, podemos dizer que:

[...] a sua participação em diferentes espaços sociais não ocorreu sem a presença de problemas, pois a exposição de um corpo musculoso, a seminudez, o suor excessivo, confrontavam com o domínio masculino. (SOUZA, 2011, p.7)

Desde 1941, foram 38 anos de proibição até que se extinguisse o decreto. Assim, considero que não podemos esquecer da trajetória e das questões que agora são debatidas e combatidas, mas que ainda permanecem - mais fracas - porém ainda presentes, como resquícios de um contexto que vem sendo ressignificado a partir de novas perspectivas e ações.

2.2 O FUTEBOL DE MULHERES

O futebol de mulheres se mostrou resistente e vem evoluindo como prática esportiva ao longo dos anos. Como dito no capítulo anterior, apesar das dificuldades, do enfrentamento e quebra de paradigmas referentes a esta prática, não podemos esquecer da história e trajetória da modalidade até o presente momento. Esse processo tem sofrido constantes mudanças em relação a conceitos e contextos socioculturais, que inicialmente prejudicaram o seu desenvolvimento, mas que hoje caminha para um avanço significativo de status e aceitação perante a sociedade. A valorização e visibilidade do futebol de mulheres que temos hoje é bastante diferente da que se tinha há alguns anos atrás.

Em uma visão global, a popularidade do ‘futebol feminino’ iniciou no período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), principalmente na Inglaterra (FERNANDES, 2019). Já no Brasil, “segundo o historiador José Sebastião Witter, relatam que a primeira partida feminina se deu em 1913, entre senhoritas dos bairros Tremembé e Cantarera, na zona norte de São Paulo” (WITTER, 1996 apud FRANZINI, 2005, p. 317). Inicialmente, as mulheres “partiram do posto de donas de casa a torcedoras, e por lá permaneceram por um farto tempo” (FERNANDES, 2019, p.11). Segundo a autora, ainda

[...] a elas de primeiro momento, perante o universo futebolístico, caracterizou-se, o papel social de incentivadoras dos clubes [...] Foi somente a partir das primeiras décadas do século XX que as mulheres conquistaram maior espaço neste território tido como “essencialmente masculino” (GOELLNER, 2005 apud Fernandes, 2019, p.13)

Como relata Souza (2011, p. 8),

[...] o futebol/futsal teve sua maior expansão nos anos 80 e 90 e, devido ao avanço do futebol feminino a partir de 1979, quando foi permitida às mulheres a participação institucionalizada no futebol de campo. A legalização da prática do futsal ocorreu em seguida (REIS; ESCHER, 2006).

A partir de 1979, após a dissolução do decreto, se constituíram os primeiros times femininos, “elas podiam novamente se organizar em clubes e times para participar de campeonatos, assim o número de praticantes legais do esporte – uma vez que o veto havia sido revogado - foi aumentando ao longo das décadas” (PISANI, 2012, p.33). Com uma ressalva, segundo Goellner (2005), citada por Schönardie (2021, p. 5), “é visível que essa participação foi menor do que a dos

homens, principalmente, devido aos decretos oficiais que proibiam os clubes a investirem em políticas de inclusão das mulheres no esporte”.

Segundo Mentz (2018), é apenas em 1983 que o futebol de mulheres é regulamentado e, a partir disso, começamos a estruturar a viabilidade de competir em grandes torneios. Um exemplo disso é que

Em 1982 surge o Esporte Clube Radar, clube que conquistou o terceiro lugar representando o Brasil no I Torneio Internacional de Futebol Feminino, realizado em 1988, na China, sendo essa apenas uma de várias conquistas do ECR. Este mesmo clube foi referência para a formação da seleção brasileira de 1991, que representou o país no Campeonato Mundial de Futebol Feminino (ASTARITA, 2009, p.12).

A própria autora ainda reforça, a partir do que foi dito, que “apesar da crescente participação feminina nos esportes de competição, elas ainda estão submetidas a padrões e modelos de comportamento relacionados ao seu corpo e sexualidade” (ASTARITA, 2009, p.13). Assim, se faz essencial um novo tópico dentro do futebol de mulheres, que se baseia em como e porque se estrutura um campo acadêmico científico ou de reflexões sobre o futebol de mulheres. É importante destacar que em diferentes espaços, seja na pesquisa, levantando dados e discussões, seja vivendo o esporte como atleta, na comissão esportiva multidisciplinar das equipes, ou então até em diferentes nichos, como por exemplo o jornalismo, e a figura da torcedora por si só, já confirmam que a tempos as mulheres estão vivendo o Futebol em sua plenitude, e através disso vão ganhando voz, e conquistando o direito de falar em seu nome e em nome de muitas outras mulheres (GOELLNER, 2021).

Assim, surgem novos conceitos e formas de enxergar, representar, e explicar o futebol que, aos poucos, vai perdendo o cunho de ‘futebol feminino’, como uma variação do esporte praticado pelo sexo masculino, para se tornar o ‘futebol de mulheres’. A partir do momento em que se começa a estudar o fenômeno futebol de mulheres, “o futebol pode ser repensado a partir de um distanciamento da lógica androcêntrica, ao enfatizar questões referentes à pluralidade do que se pode entender como feminino e ao protagonismo de mulheres” (PISANI; KESSLER, 2022, p. 4). Resignificando a imagem do esporte, e também da prática, onde hoje “as mulheres trazem particularidades que antes eram pouco pensadas ou ocultadas, tais como referentes às violências (físicas ou simbólicas) e a necessidade de repensar ‘o’ futebol como produto único e uniforme” (PISANI; KESSLER, 2022, p. 6). A inserção das mulheres nas pesquisas e estudos sobre futebol incide num aspecto importante

para a quebra de alguns paradigmas, ao passo que durante muito tempo se pensava que mulher não entendia de futebol e que isso se dava por não saberem praticar, ou nem se quer gostarem do esporte.

Aparentemente, os interlocutores de Guedes não compreendiam como ela, uma mulher, poderia “gostar de futebol” ou mesmo como ela poderia “entender de futebol”. É, portanto, Simoni Lahud Guedes que inaugura a reflexão sobre o lugar da mulher no futebol brasileiro. A autora apresenta as categorias êmicas de seu campo de pesquisa e nos mostra como que para seus interlocutores “gostar de futebol” implica em “entender futebol”. Dessa forma, para os interlocutores de Guedes, as mulheres estariam colocadas à margem desse universo futebolístico, uma vez que - supostamente - “não gostam” e, logo, “não entendem” a modalidade” (PISANI; KESSLER, 2022, p. 8).

Então, conclui-se que muito desse crescimento do futebol de mulheres se deve ao envolvimento e interesse,

[...] seja da perspectiva analítica e etnográfica - fala-se sobre jogadoras, árbitras, jornalistas, treinadoras, torcedoras, dirigentes - seja da perspectiva de quem produz o conhecimento. [...] Mostrando que mulheres não apenas “gostam de futebol”, mas “entendem”, participam de diferentes formas desse universo e ainda escrevem - de uma perspectiva teórica e acadêmica - sobre ele” (PISANI; KESSLER, 2022, p.11).

Com base nesses estudos, conseguimos perceber que, apesar de todas as interdições sobre a participação das mulheres, elas se mantêm no futebol. Afinal, e apesar de tudo, elas ainda estão jogando e para esse trabalho essa afirmação é ponto mais importante.

Desde que o futebol foi criado, as mulheres, em diferentes tempos e contextos sociais, precisaram disputar poderes para nele adentrar, e ao fazê-lo desconstruíram representações que, assentadas na biologia do corpo e do sexo, justificavam o caráter exótico, espetacular e impróprio atribuído a sua prática. (GOELLNER, 2021, p. 2)

Quando falamos de mulheres e futebol, a questão mais evidente é referente ao debate sobre gênero e sexualidade. É comum presenciarmos discussões e preconceitos referentes às questões de gênero, relacionando isso com a sexualidade, estereotipada, dessas mulheres, e generalizando algumas constatações a nível de opiniões popularmente disseminadas. Como diz Souza (2011, p. 8), baseados em Darido apud Santos et al (2008), “o principal empecilho para a prática do futebol feminino estava ligado mais ao discurso preconceituoso e estereotipado que foi transmitido ao longo do último século”. Entrar no debate sobre gênero e sexualidade é obrigatório quando se precisa contextualizar e também se

fazer entender as dificuldades, os preconceitos e as barreiras que as praticantes encontram seguidamente ao tentarem competir ou até mesmo apenas jogar futebol.

Reafirmando que

No caso do Futebol, discursos preconceituosos e estereotipados são alguns dos principais empecilhos para a expansão da prática por mulheres. Argumentos de caráter biológico, cultural e psicológico foram muito utilizados para manter as mulheres longe da modalidade (SCHÖNARDIE, 2021, p. 6).

A partir dessas questões de gênero, que constroem e se reproduzem as relações desiguais entre os sujeitos. Vivemos em um contexto de que por muito tempo o futebol foi visto como esporte masculino e onde as mulheres não tem características para tais práticas. O futebol faz parte de uma sociedade que dissemina a ideia de que existia um padrão de comportamento a ser seguido e que guia as práticas. Para Schönardie (2021),

Gênero implica considerar que as instituições sociais, as normas, os símbolos, as leis, os conhecimentos e as políticas de uma sociedade são atravessadas e construídas através de representações e pressupostos de feminino e masculino, da mesma forma que estão implicadas com sua produção, ressignificação ou manutenção (SCHÖNARDIE, 2021, p.6).

Cabe destacar que a desigualdade também é referente ao que se entende como comportamento padrão para homens e mulheres, meninos e meninas, e como se dá essa construção cultural nas atitudes dos indivíduos.

Para compreender as relações entre homens e mulheres, precisa-se observar além do seu sexo, considerar tudo que socialmente se construiu sobre os sexos. A literatura refere o significado de viril, com o que é característico do homem. Ser forte, competitivo, dominador, agressivo faz parte da cultura patriarcal dos meninos e homens (FERNANDES, 2019, p.17).

Segundo Mentz (2018),

As relações de gênero tem implicações no lugar que as mulheres devem ocupar na sociedade, assim como a função que devem exercer. Maluff e Mott (1998) demonstram que os discursos que tentavam deslegitimar a introdução das mulheres em outras áreas sociais, nas primeiras décadas do século XX, eram sustentados por uma idealização da "natureza feminina" que determinava o papel social da mulher como de reprodutora, gerando e educando os filhos da pátria e futuros cidadãos (MENTZ, 2018, p.7).

Em conjunto às demarcações e estereótipos constituídos a partir das relação de gênero, a veiculação midiáticas sobre as mulheres no futebol ainda foi direcionada para a sexualização do corpo feminino, mais vendável como espetáculo.

Não se pode negar que desde os primórdios do futebol de mulheres as atletas foram questionadas quanto a sua sexualidade. A mídia se interessou em veicular uma imagem heteronormativa e feminilizada dos corpos das atletas com a intenção de tornar o futebol de mulheres um esporte atrativo e, portanto, vendável nos padrões hegemônicos do futebol espetacular (SALVINI; SOUZA; JUNIOR, 2015, apud, MENTZ, 2018, p.37 e 38)

Outro ponto a ser demarcado nas discussões sobre as mulheres no futebol se refere ao estereótipo das jogadoras lésbicas, muito evidente no futebol brasileiro. “Nesse caso, mulheres que performam masculinidades são questionadas quanto a sua sexualidade pela existência de um estereótipo que associa sexualidade à performance de gênero” (MENTZ, 2018, p. 40). A autora ainda completa dizendo que tal linha de raciocínio “pressupõe uma correspondência necessária entre sexo, gênero e orientação sexual. A partir daí se pressupõe e se reproduzem estereótipos ligados ao gênero e à sexualidade” (MENTZ, 2018, p.47). Esse assunto costuma ser bastante delicado já que, normalmente, essas representações podem constituir ofensas e insinuações ostensivas, tanto diminuindo a presença da mulher por ser mais ‘feminina’ quanto,

[...] a pessoa que está proferindo xingamentos às jogadoras quanto a sua sexualidade está vendo e lendo os códigos inscritos no discurso que identificam os gêneros e, conseqüentemente, fazendo uma associação entre sexo, gênero e orientação, por isso pressupõe que a jogadora é lésbica se sua performance é masculinizada (MENTZ, 2018, p.45).

Além disso, a autora ainda comenta que “o futebol de mulheres no Brasil existe e resiste dentro de uma estrutura de desigualdades de gênero na qual o campo de futebol se apresenta como uma extensão da sociedade civil” (MENTZ, 2018, p.18). Para Kessler (2015, p. 38) “gênero, sexualidade e corpo são utilizados para marcar inadequações e promover impedimentos”. Já que “toda vez que uma mulher tenta sair do espaço privado do lar que lhe é destinado e procura vivenciar outros espaços sociais surge um movimento contrário para deslegitimar a presença feminina em espaços públicos” (MENTZ, 2018, p.18).

Com base nisso, houve a necessidade de apresentar o futebol praticado por mulheres através de outra nomenclatura que correspondesse ao que se via no

campo de pesquisa (MENTZ, 2018). Ao invés de nos referirmos a ‘futebol feminino’, passamos a tratar de ‘futebol de mulheres’.

O termo futebol feminino é o mais utilizado nas mídias, organizadores de evento e campeonatos e entre as próprias jogadoras. O intuito de apresentar e utilizar outra terminologia não diz respeito a uma severa crítica, julgamento ou recusa em utilizar o termo futebol feminino, mas apenas por um sentimento de que representa melhor as mulheres que conheci durante essa pesquisa, utilizando o termo futebol de mulheres. [...] Isso porque, o termo “feminino” pressupõe e carrega consigo a representação de uma feminilidade tradicional que espera das mulheres comportamentos e vaidades que correspondam a uma ideia de natureza e beleza feminina. Ideia essa que não é coerente com a realidade das jogadoras dessa modalidade, em que elementos considerados tradicionalmente masculinos - como força, velocidade, agressividade, contato e competitividade – são acionados a todo tempo dentro de campo (MENTZ, 2018, p.15).

O uso do termo futebol de mulheres permite englobar toda e qualquer manifestação e fruição das mulheres no ambiente do futebol, sem que se exija um padrão ou se espere um comportamento a partir de um rótulo "feminino" que, como já vimos, costuma confundir quanto ao que esperar e como se comportar. Sendo assim, estudar o tema, ressignificar e corrigir alguns termos e conceitos permite um maior entendimento, se adequando melhor a qualquer representação de uma mulher plural no seu direito de estar e viver o futebol. Antes víamos a

[...] necessidade do futebol de mulheres precisar se enquadrar em certos parâmetros para ser reconhecido e visibilizado. Ou seja, se o público está indo assistir a uma partida de futebol protagonizado por corpos do sexo feminino, espera-se que suas práticas corporais sejam condizentes aos discursos que produzem esses corpos. (Mentz, 2018, p.44)

Como ressalta Fernandes (2019, p. 18), estudamos e compartilhamos espaços onde “já há tempos mulheres que não condizem com as representações normativas de gênero têm suas sexualidades postas sob suspeita”. Por isso reforçamos a importância dessa ação já que

[...] a mudança terminológica para futebol de mulheres propõe uma reflexão à noção de feminino na tentativa de englobar as diversas formas de “ser” mulher, principalmente aquelas não tradicionais, que expressam através dos corpos feminilidades e masculinidades existentes no esporte (MENTZ, 2018, p.16).

Finalizando este tópico, eu deixo um trecho da entrevista à Gazeta Esportiva - sobre o que realmente precisa ser atrativo e notícia no esporte, que é o reconhecimento pelo que está sendo feito, construído e entregue - onde Marta diz:

O machismo está ficando mais distante. Atualmente, diminuiu o preconceito contra o futebol feminino e estamos trabalhando para dar o bom exemplo, aumentando ainda mais essa popularidade. Isso está acontecendo devido ao destaque que temos. Desde o título do Pan-americano, em 2007, até agora, crescemos muito e as pessoas que não conheciam o futebol feminino passaram a conhecer (GAZETA ESPORTIVA, 2009, s.p.).

Importante ressaltar que o termo 'futebol de mulheres' ainda não está incorporado em determinados períodos, como, por exemplo, essa entrevista em 2009, pois as próprias mulheres demoraram um certo tempo para utilizar o termo. Essa mudança se deu pela pesquisa e discussões a respeito das maneiras de se viver o futebol, por parte dessas mulheres. Atualmente, já vem sendo mais utilizado o 'futebol de mulheres' como forma de se referir a modalidade, até porque existe uma consciência do significado a respeito dessa nomenclatura. Reforçando que, embora a Marta não utilize o termo 'futebol de mulheres', já sinaliza uma mudança no universo do futebol.

2.3 CONSTRUÇÃO DO FUTEBOL 7

Já tendo introduzido os principais marcos referentes às mulheres no esporte e também contextualizado sobre o futebol de mulheres, agora abordarei mais especificamente o campo de pesquisa deste estudo, o Futebol 7. Primeiro, apresento uma retomada histórica do esporte no Rio Grande do Sul e depois evidencio a participação das mulheres, como jogadoras, nesse ambiente.

Após contextualizado o futebol de mulheres, voltamos a falar de um esporte que, similar ao futsal, deriva do futebol de campo. O Futebol 7, em sua prática, tem pontos positivos das duas modalidades. Além de ser jogado em um campo um pouco maior que as quadras de futsal, e bastante menor do que os campos de 11, permitindo mais jogadoras em quadra (6 jogadoras de linha e 1 goleira), a bola também tem peso e tamanho intermediário. As regras, assim como essas características de número de jogadoras, tamanho e peso da bola, superfície e tipo

de quadra, contribuem para que este seja o esporte mais praticado, atualmente, no Brasil (JORDÃO; SILVA, 2022).

Se pararmos para pensar, essa é uma prática favorecida, se comparada com o futsal e futebol de campo, pois facilmente conseguimos reunir alguns amigos/colegas de trabalho/conhecidos para jogar, devido ao número não tão alto de pessoas necessário para conseguir formar dois times, além do ambiente/local que pode ser aberto ou coberto, e a grama sintética que permite (em um estado perfeito e ideal) que o jogo ocorra sem que fatores naturais (chuva, barro, umidade etc.) prejudiquem a prática. Afirmação esta, embasada anteriormente por Alves (2015) e corroborada por Jordão e Da Silva (2022), que e seu estudo relatam:

Inicialmente, um dos principais objetivos desse esporte era promover o lazer, já que a quantidade menor de jogadores (as) facilita a montagem de times. Além do mais, o campo reduzido e em grama sintética, torna mais viável a manutenção do que a utilização de grandes campos de grama natural (JORDÃO; DA SILVA, 2022, p. 8).

O futebol, segundo Schönardie (2021), “tornou-se um patrimônio da humanidade e pode ser compreendido como um fenômeno plural e complexo, pois cada vez ganha mais adeptos e se manifesta em diferentes cenários (VIANA; ALTMANN, 2015 apud SCHÖNARDIE, 2021, p.5). Um desses cenários seria então as quadras de Futebol 7, antes conhecido por Futebol Society, que era referente aos grupos de praticantes, que inicialmente pertenciam às altas classes sociais, segundo Jordão e da Silva (2022).

O Futebol 7 tem sua origem, segundo Aimi (2013), em meados de 1950 e 1960, em clubes sociais no Rio Grande do Sul e de São Paulo, assim como nos chamados “casarões” do Rio de Janeiro, marcando um início extremamente elitista da modalidade. Como dito anteriormente, “o jogo surge como um futebol adaptado, onde o fato de ter sete jogadores em campo para cada lado teria culminado numa partida bem desenvolvida de futebol” (Carvalho, 2014, p.9). Sendo assim,

[...] no início, a maioria de seus participantes eram pessoas com idade girando em torno de 40 à 50 anos, que gostavam de futebol, mas não se adaptaram ao Futebol de Salão, preferindo o society por ser mais parecido com o de campo (JORDÃO; SILVA, 2022, p.17).

O grande problema do futebol 7 como modalidade esportiva é a não padronização de regras e eventos, assim como não conseguir unificar e definir quem regulamenta o esporte. Isso porque dependendo da federação que organiza os

torneios e campeonatos, existem distinções nas regras e alterações para promover os interesses das próprias organizações. Apesar disso, são as federações as principais responsáveis por impulsionar e tornar o esporte cada vez mais popular a nível competitivo.

Em 1987 é criada a Federação Gaúcha de Futebol Sete (FGF7), primeiro órgão regulamentador da modalidade no país, e no ano de 1989 surge a Federação Paulista de Futebol Society (segunda federação a ser fundada no Brasil). Aimi (2013) comenta em seu trabalho que a partir da criação dessas duas entidades o esporte começa a ser mais difundido, com surgimento de outras federações, que culminaram na criação da Confederação Brasileira de Futebol Sete Society em 1996 (CARVALHO, 2014, p.9).

Até 2010 foi possível regulamentar o esporte, porém brigas internas atingiram, na época, a atual Confederação Brasileira, tendo como consequência a criação da Confederação Brasileira de Futebol Sete do Brasil (CARVALHO, 2014).

Dessa maneira o esporte passa a ter duas Confederações, o que gerou enfraquecimento da modalidade. Percebendo que a situação estava tomando rumos nefastos para o esporte, diretores das Confederações decidem pela unificação das entidades. Assim é criada em janeiro de 2013 a Confederação Brasileira de Futebol Sete (CBF7), coincidindo também com a unificação de federações estaduais que também eram divergentes entre si na época”. (CARVALHO, 2014, p.9)

Após alguns anos nesta conjuntura, o Futebol 7 engatinhava com alguns campeonatos maiores. De maneira geral, o esporte era regido pelas confederações estaduais e regionais, e competia com torneios e ligas menores, porém com considerável adesão, se tratando de um esporte amador. Visto o crescimento da modalidade, em questão de adesão e participação, o esporte se torna um potencial investimento. Assim, “a Fut7 Brasil é criada para administrar e promover competições e calendários para a prática no Brasil [...] Além disso, a empresa é a única filiada com a Federation Internationale de Football 7 (FIF7)” (JORDÃO; SILVA, 2022, p.18). Essa manobra visa um investimento enorme no esporte, voltado para a profissionalização, venda de direitos de imagem e transmissão para veículos de televisão e canais identificados com a modalidade. Sendo a Fut7 Brasil também a “única instituição no país que está autorizada a fazer campeonatos internacionais que estejam ligados a Federação Internacional de Futebol 7” (JORDÃO; SILVA, 2022, p.31). Nesse cenário, podemos considerar que a Fut7 Brasil, hoje, é responsável por organizar o calendário das principais competições do país, quando

pensamos em Futebol 7 direcionado ao alto nível e a profissionalização (JORDÃO; SILVA, 2022).

No âmbito do Futebol 7, atualmente, podemos dizer que coexistem as federações estaduais e regionais, e também a Fut7 Brasil. Cabe destacar que quem participa de competições de uma federação não pode competir pela outra. São restritos os times que jogam a Fut7 Brasil, e é proibida a participação dos mesmos em competições das federações regionais e estaduais. Assim,

[...] como no período de 2010 a 2013, o esporte fica marcado pela coexistência de confederações e federações estaduais, onde os conflitos internos prejudicaram o desenvolvimento do futebol sete. Com duas entidades organizando as competições a modalidade acaba perdendo força, já que uma entidade acaba competindo com a outra, ao invés de juntar forças em pró do futebol sete”. (CARVALHO, 2014, p.13)

2.3.1 As mulheres no futebol 7

Diante da realidade presente no Futebol 7 e, principalmente, na atual conjuntura do país referente ao futebol de mulheres, as ‘gurias’ estão buscando seu espaço na modalidade, como de praxe. “Reconhecendo que a participação das mulheres no esporte seja recente, e tenha aumentado significativamente nas últimas décadas, merece ser analisada com cautela” (FERNANDES, 2019, p.11). Ou seja, devemos comemorar que em um esporte relativamente novo e que vem ganhando bastante atenção e espaço nas mídias - sendo visto como uma modalidade com enorme potencial de venda - a mulher esteja incluída como protagonista, porém ‘nem tudo são flores’. Isso porque, apesar de estar dentro da modalidade - tendo competições grandes, e possibilitando as jogadoras uma estrutura melhor - ainda assim, são poucas equipes, que geram poucos retornos comparados aos investimentos feitos, estando longe de atingir a proporção vislumbrada pelo que se oferece aos homens. Como visto no estudo de Fernandes (2019) que critica

[...] a estruturação da modalidade no país, uma vez que existe um número muito pequeno de campeonatos, as contratações das atletas são contingentes, são nulas as políticas privadas e públicas voltadas para incentivar meninas e mulheres que desejam praticar futebol, tanto para participantes eventuais quanto para alto rendimento (p.41)

A autora ainda completa, corroborando com a informação inicial, de que “compreendendo o futebol e seus megaeventos, os gramados e a bola estão sendo no cenário atual a escolha do público e da mídia, veem tomando uma proporção

cada vez maior se tratando de telespectadores e novos praticantes” (FERNANDES, 2019, p.15). Porém, nada disso tem sido suficiente para - no Rio Grande do Sul - atrair mais equipes, já que não existe, por parte da Fut7 Brasil, premiação em dinheiro para as campeãs. Sendo assim, inicialmente as equipes aderiram as competições pela visibilidade, mas hoje estão se direcionando novamente para a Federação Gaúcha, muito pelo custo benefício, pois nesta existe premiação em dinheiro para as primeiras colocadas e o custo durante a competição é menor para as equipes participantes.

Fazendo um apanhado histórico, a modalidade começa de forma recreativa e, como sempre, as mulheres tornam-se protagonistas no ambiente. Assim, “podemos identificar diversos grupos femininos jogando aos finais de semana em quadras alugadas de grama sintética em Porto Alegre” (CARVALHO, 2014, p. 53). Quanto mais grupos, maior a troca. A vontade de competir em algum momento vem à tona, seja por lazer ou pela busca em algo próximo ao alto rendimento. As primeiras ações surgem quando mulheres se organizam e conseguem, junto às federações e ligas, torneios para competir.

Um momento importante para o futebol sete feminino no nosso estado foi a realização do primeiro Campeonato Metropolitano Feminino de Futebol Sete. Com a inscrição de 32 equipes (efetivamente acabaram participando 28 times), a competição iniciou em 28 de abril de 2013 (CARVALHO, 2014, p.54).

Assim como as competições da Federação Gaúcha, “O Metropolitano Feminino continha premiação para os três times melhores colocados, com troféus, medalhas e jogo completo de uniformes” (CARVALHO, 2014, p. 54). Competições como esta, com muitas equipes, eram exceções. Normalmente, o que acontecia eram torneios de dois dias (um final de semana). “Em novembro de 2013 vem a ser realizada mais uma grande competição feminina de futebol sete, o Campeonato Municipal Feminino Sushinamoto de Futebol 7. Participaram 16 equipes” (CARVALHO, 2014, p. 55). Dentre os eventos de final de semana, torneio curto, um dos mais marcantes para “o futebol sete feminino foi a World Cup Feminina de Futebol 7, realizada no dia 30 de março de 2014” (CARVALHO, 2014, p. 56). A equipe vencedora foi a Argentina que “empatou com a Espanha no tempo normal e venceu nos shootout, ficando com o título da competição” (CARVALHO, 2014, p. 57). O mais interessante desta conquista é que a base desse time era formada pela base

do time campeão (12 Horas) do último campeonato da Fut7 Brasil que aconteceu em 2022.

Ao analisar as fotos presentes na pesquisa de Carvalho (2014), podemos ver algumas das mulheres que conquistaram o primeiro Campeonato Metropolitano Feminino, que também estão em ambas as equipes (Argentina e 12 Horas). Sendo assim, aproximadamente 10 anos se passaram e essas mulheres ainda seguem competindo, buscando e reforçando o seu espaço na modalidade. Novas mulheres chegam, outras gerações vem construindo sua história, mas ainda sim as primeiras a competir no estado permanecem brigando pelo topo da modalidade. Desde a criação da Liga Inter-Regional Porto Alegre, a LIR POA, as competições em sua maioria tem sido a longo prazo, com uma média de 10 equipes, jogando uma rodada por final de semana. Ainda existem torneios curtos, mas agora estes são exceções.

Considerando o atual momento do Futebol 7 nas competições para mulheres, podemos dizer que no Rio Grande do Sul, durante 3 anos (de 2019 até o primeiro semestre de 2022), a Fut7 Brasil foi a principal opção escolhida pelos times que buscavam uma competição em alto nível e com organização estruturada mais próxima ao profissional. Porém, a partir do segundo semestre de 2022, as equipes migraram para a Federação Gaúcha - pelo custo benéfico como já foi exposto anteriormente - deixando a Fut7 Brasil sem equipes suficientes para iniciar a competição.

Assim, como destaca Carvalho (2014, p. 57), “o amadorismo pode ainda predominar, todavia isso em nada tem a ver com desorganização, já que os clubes estão sendo obrigados a se estruturar de forma séria para encarar os desafios das competições”. Essa afirmação condiz muito com o que se vê no cotidiano do Futebol 7, temos equipes com qualidade técnica, estruturadas, e muita vontade de fazer dar certo. Equipes mobilizadas e organizadas em prol do futebol de mulheres, dentro da modalidade do Futebol 7. Porém, o que falta, como já foi evidenciado em todo o processo de revisão de literatura, é que consigamos tornar o esporte mais valorizado, com oportunidades mais equilibradas de retorno para as equipes. Que não seja uma corrida tracionada em busca de campeonatos e condições justas para as jogadoras e suas equipes. Como destacado, “é possível identificar que o futebol de mulheres ainda necessita avançar em termos de estruturação, visibilidade e reconhecimento” (GOELLNER, 2021, p.8).

3 METODOLOGIA

O presente estudo apresenta um viés qualitativo e busca analisar de que maneira as mulheres que se engajam sistematicamente com o futebol 7 significam a modalidade e, a partir disso, escolhem competir. Dentro do tema, procurei saber como sustentam esse vínculo com a modalidade em seu cotidiano, assim como o vínculo com o grupo ao qual convivem semanalmente. Além disso, busquei compreender como as mulheres fazem para permanecer na prática, quais as resistências encontradas e como encaram a competição a partir das suas próprias vivências e contextos. A análise qualitativa permite uma percepção dos significados, considerando diversos aspectos, possibilitando também analisar o contexto para que assim se consiga atingir o objetivo proposto para este estudo.

Para embasar tal escolha concordo com Chizzotti (2003), que considera a metodologia qualitativa um campo interdisciplinar e transdisciplinar, o que é muito adequado ao presente estudo, visto que o tema percorre não só as ciências sociais e humanas, mas também algumas áreas das ciências da natureza e da saúde, dependendo do contexto e das vivências que serão referidas nas entrevistas.

Segundo Alves e Aquino (2012),

Diversos autores convergem para a ideia que a pesquisa qualitativa não se sustenta em um conceito teórico e metodológico uniforme, havendo, pois, múltiplas abordagens que embasam os debates, as discussões e as reflexões referentes a prática dessa pesquisa [...] visa a compreensão, a interpretação e a explicação de um conjunto delimitado de acontecimentos que é a resultante de múltiplas interações. (ALVES; AQUINO, 2012, p.80-81)

Ainda, Minayo (1992) também discute a pesquisa qualitativa e caracteriza alguns aspectos importantes como o fato de se adequar a contextos históricos que se transformam e mudam ao longo dos anos, podendo assim ter informações de caráter transitório, ou então que são passíveis de mudanças por práticas de ressignificação através das ações dos indivíduos, se adequando a fenômenos sociais que recebem significados múltiplos. Sendo assim, explicando melhor tais fenômenos que não existiriam sem a subjetividade e as ações dos indivíduos. Não sendo possível estudar os eventos independente das ações sofridas e colocando o pesquisador também como um atuante nesse processo, já que por mais que se tente, no caso da pesquisa qualitativa, é impossível não se encontrar em uma situação de identificação com o objeto de estudo.

A escolha pelo método qualitativo se deu por ser o mais adequado aos objetivos da pesquisa. Como a ideia é que seja um trabalho que gere uma discussão e reflexão sobre o contexto atual da modalidade, e que sirva para comparar e estimular novas pesquisas nessa área, levando em consideração que se trata de uma modalidade relativamente nova, mas com grande adesão e potencial de crescimento nos próximos anos.

O instrumento utilizado para essa pesquisa foi a entrevista semiestruturada. Para a formulação do roteiro foi elaborada uma base com três pilares, pelos quais as conversas foram conduzidas e, assim, tornou-se possível compreender, refletir e discutir o contexto e os aspectos mais relevantes referentes ao tema. Os pilares são: 1) Início da história com o futebol; 2) Resistências na vivência com o futebol; e 3) Por que competir no futebol. A escolha das participantes do estudo foi elaborada a partir da representatividade tipológica e por conveniência. Sendo assim, as mulheres foram escolhidas pela proximidade com a autora, o que contribuiu para a aproximação com as mesmas e certa liberdade ao abordar assuntos mais delicados e também se fez necessária uma classificação para ter uma certa lógica e congruência nas escolhas. Dentre as mulheres, torna-se possível dizer que todas possuem mais de 20 anos de idade, trabalham e/ou estudam, não tem mais a ambição de profissionalização e competem regularmente (estão presentes na maioria das rodadas dos campeonatos disputados e treinam nas suas respectivas equipes regularmente). Em que pese tais proximidades entre as interlocutoras, cada uma delas apresenta trajetórias diferentes no universo do futebol, o que viabilizada um maior potencial de diversidade na produção dos dados e representação da modalidade.

Para melhor compreensão e contextualização farei uma breve descrição de cada uma das mulheres entrevistadas. Sendo:

- Caçula: tem 21 anos, é estudante de Educação Física, trabalha fazendo entregas de motocicleta na empresa do pai. O apelido é referente ao seu status de mais nova do grupo. Ela trabalha diariamente, de segunda sexta das 08h às 18h, mais ou menos, e dificilmente trabalha aos sábados. Estuda à noite, das 19h às 22h, 2 vezes na semana, após o expediente de trabalho. Treina em seu time uma vez na semana, também no horário da noite, das

20:30 às 22:30. Optou por não ter aulas no dia de treino para poder treinar, no domingo é o 'dia de jogo', não marca nada na agenda para domingo. O apelido já diz muito, é a mais nova das mulheres entrevistadas, porém, não por isso, é menos experiente. Passou pelas escolinhas de base conveniadas de um grande clube de Porto Alegre, e está no seu terceiro ano como atleta amadora de futebol 7.

- Doutora: 26 anos, residente em medicina. Cresceu em São Paulo, e veio para Porto Alegre para fazer faculdade. O trabalho é pesado, de segunda a sexta, com turno de 6h, com 4 ou 5 plantões por mês, que variam muito, sendo um final de semana sim outro não de trabalho. É a mais tranquila, referente a personalidade. Em quadra, mantém a personalidade tranquila, porém é muito ativa, não para um minuto, disputa todas as bolas. Brincam que as vezes parece uma 'patrola', vem atropelando quem vê pela frente.
- Vizinha: 30 anos, trabalha com logística. Cresceu no interior do Rio Grande do Sul, em Barão do Triunfo, e também já morou no Canadá. O apelido se refere a proximidade entre a residência da pesquisadora e da entrevistada. Ambas moram muito perto uma da outra, e até já treinaram juntas em um dos times a que pertenceram. De personalidade bem extrovertida, costuma falar o que vem à mente, quando é preciso se mostrar crítica, principalmente, referente a sua opinião sobre os jogos. Não se importa de ficar no banco, se entender que o time está bem e que as meninas estão dando conta do recado. Gosta de estar competindo pela amizade e o envolvimento com o time.
- Virginiana: 29 anos, formada em Educação Física, e trabalha com Personal Trainer. Personalidade forte, bastante competitiva e extremamente perfeccionista. Ela se cobra muito, e se entrega por inteira nos treinos e jogos. É uma liderança muito forte dentro da sua equipe, pelo exemplo e pela disciplina. Não perde treinos, e como ela mesma costuma dizer 'não mata campo'. Se precisar dar volta na quadra correndo, é em cima da linha pra não faltar na hora do jogo. Se está treinando é intensa, disputa, cobra, orienta. Por estar no meio da Educação Física, traz alguns conceitos táticos para discutir

com o treinador, busca se informar e se corrigir a cada jogo. Gosta de assistir aos jogos para analisar o que foi positivo e o que precisa 'arrumar'.

- Trintona: 30 anos, trabalha, estuda, e é mãe. Ser mãe é talvez um dos jeitos mais fantásticos de se viver o futebol. É muito interessante ver o apoio que ela recebe do filho, do marido e das companheiras de equipe. É preciso mais do que querer para estar jogando e competindo com essa responsabilidade, pois são muitas negociações para permanecer. Ela é de personalidade forte, opina, se posiciona e tem a experiência necessária para saber em quais brigas entrar. Dentro de quadra se doa ao máximo, se entrega, e procura passar a sua experiência para as companheiras. Está lá (jogando) pelo time, se sente muito bem competindo, adora duelar pelas bolas, é muito combativa e se entrega ao contexto do jogo.

As entrevistas aconteceram de forma presencial ou por chamada de vídeo. E foram agendadas previamente, a partir da disponibilidade de cada uma das mulheres, sem que uma soubesse ou presenciasse a conversa com outras participantes. Esse modelo de entrevista com perguntas semiestruturadas permitiu que surgissem alguns aspectos relevantes que não estavam previstos. Sendo assim, houve uma mediação que possibilitou um diálogo mais aberto sobre diversos fatores, o que torna a análise ainda mais completa e importante para o estudo. Depois de realizadas as entrevistas, as respostas foram transcritas e analisadas. Posteriormente, foram selecionados os aspectos mais recorrentes e/ou mais relevantes, e destacados em recortes colocados em evidência, correlacionando-os com a literatura pesquisada.

Como diz Flick (2009), existem diversas formas de documentação do material coletado, na maioria das vezes constituindo-se de material textual: notas de campo, diário de pesquisa, fichas de documentação, transcrição etc. Entretanto, o material também pode ser documentado por meio de fotos, filmes, áudios e outros, pois todas as formas de documentação têm relevância no processo de pesquisa, possibilitando uma adequada análise (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011, p.734)

Se tratando do presente estudo, na entrevista semiestruturada se encontram mensagens tanto em forma de áudio, vídeo e textual. Porém não só isso, podemos identificar também questões subliminares, pelo tom de voz, expressão corporal e até pelo silêncio.

As análises das informações produzidas no decorrer do estudo foram mobilizadas pela análise de conteúdo, a qual se refere a "um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens" (BARDIN, 2006, p.38).

Ao abordar a análise de conteúdo, Bardin (2006) se refere a determinados aspectos da análise como "a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (p.38)", podendo ser então classificadas e/ou organizadas de diferentes formas de acordo com o objetivo do estudo.

Contudo, isso exige um trabalho bastante denso por parte do pesquisador, no próprio sentido de deixar claro o porquê da escolha de determinada técnica de análise para a investigação do objeto específico, demarcando as condições de interpretação (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011, p.737).

As formas de organização deste estudo seguem os conceitos de Bardin (2006), o qual as organiza em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Sendo a pré-análise a fase em que se organiza o material a ser analisado com o objetivo de torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais. Nela é feita a 'leitura flutuante', que é o estabelecimento de contato com os documentos da coleta de dados; depois é feita a escolha dos documentos, que consiste na seleção do que será analisado; posteriormente, foi feita a formulação das hipóteses e dos objetivos; e por fim referenciação dos temas e assuntos, com a elaboração de indicadores, que envolve a determinação dos assuntos que serão abordados por meio de recortes de texto nos documentos de análise.

A exploração do material constitui a próxima fase. Neste momento, foram selecionadas as categorias e feita a identificação dos assuntos (visando à categorização e à contagem frequencial) das unidades de contexto nos documentos. A exploração do material consiste numa etapa importante, porque vai possibilitar ou não a riqueza das interpretações e inferências (BARDIN, 2006).

A terceira fase é o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Esta etapa é direcionada especificamente ao tratamento dos resultados. É nela que ocorre a condensação dos trechos e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais, momento da intuição, da análise

reflexiva e crítica (BARDIN, 2006). Assim sendo, os processos iniciais e a classificação/categorização facilitam as interpretações e as inferências feitas no terceiro momento.

Com relação aos Aspectos éticos, as interlocutoras estiveram cientes dos processos da pesquisa e autorizaram o uso das informações, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Sob a condição de poder deixar de participar a qualquer momento, conforme necessidade e/ou vontade dos mesmos. Como dito anteriormente, os nomes reais das interlocutoras serão preservados e nos seus lugares utilizo apelidos referentes à sua personalidade e/ou características próprias para melhor identificação de quem se trata durante a reflexão.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Se apropriar do futebol parece algo natural no Brasil, já que somos o país do futebol. É comum vermos em parques, praças, praias e lugares públicos práticas derivadas do futebol. Como a 'altinha', minijogos com golzinhos feito de chinelo/pedras/camisetas, grandes jogos amadores. Nesse contexto, observamos a presença de homens, mas também de muitas mulheres, inclusive no espaço de estudo desta pesquisa, que é o Futebol 7.

No decorrer dessa pesquisa, continuo com questionamentos sobre o surgimento desse interesse das mulheres nos 'futebóis', como nutrem essa permanência na prática, quais são as negociações para hoje estarem inseridas e pertencentes, sendo aceitas nessas atividades. E, principalmente, como em toda a trajetória essas mulheres se sustentam no ambiente competitivo, com todas as restrições e abnegação que envolveram esse processo de pertencimento e apropriação.

4.1 INICIAÇÃO: A FORMAÇÃO PARA OS SIGNIFICADOS DO FUTEBOL AO LONGO DA VIDA COM VISTAS À PROFISSIONALIZAÇÃO

Nas entrevistas as mulheres foram questionadas sobre como começou o contato com o futebol e porque praticar, aprender e querer se desenvolver neste esporte. O que se ouviu de todas foi que desde muito pequenas elas já tiveram algum contato com bola, ou seja, cresceram jogando futebol. A maioria por influência dos pais e irmãos. Viam os irmãos jogando e queriam jogar juntos. Ou acompanhavam o pai nos jogos da firma, com os amigos. A partir dessa conexão com os familiares, começaram a gostar e querer praticar mais, se envolver mais com o futebol e assim foram se desenvolvendo nesse ambiente.

Eu tinha aproximadamente uns 2 anos de idade, mal andava e já tava pegando a bola, chutando, tentava tocar, e com uns 3 anos eu já jogava bola com o meu pai, e segui jogando pra vida inteira. [...] desde sempre eu joguei futebol. Eu ia nos jogos do meu pai e quando terminava o jogo ele ficava batendo bola comigo. Sempre ao final dos jogos eu ficava jogando com ele (Entrevista com Caçula, 27/08/2022).

A iniciação nos esporte se deu muito pelos exemplos masculinos, corroborando com a ideia de 'inserção delas pelas mãos deles', sinalizada por Fernandes (2019), onde a autora nomeia um capítulo de sua pesquisa referente a essa presença

masculina influente nesse início das meninas no futebol. Pesquisa está que conversa diretamente com este estudo, endossado por falas como: “Jogava desde pequena, eu tinha um campinho em casa. Meus irmãos jogavam, meu pai jogava, a gente sempre jogava junto” (Entrevista com Doutora, 28/08/2022). E “Eu comecei a caminhar e já tinha uma bola do lado. Todo domingo de tarde a família ia pro campo, eram 6 filhos homens (meus tios), mais os meus primos e os vizinhos” (Entrevista com Vizinha, 28/08/2022). Os dois trabalhos se aproximam neste aspecto, com relatos semelhantes, o que indica que o ambiente do futebol é amplamente ocupado pela presença dos homens, que intermediam esse contato inicial das mulheres com a modalidade. Cabe destacar que nenhuma das entrevistadas relatou um primeiro estímulo de uma mulher para este primeiro contato com a bola ou o esporte propriamente dito. Concordando também com esse padrão, Vieira et al (2021), faz a seguinte afirmação

[...] a figura masculina parece ser elemento mediador entre as garotas e o futebol. No caso elucidado pelos nossos dados, a presença de primos ou irmãos nesses grupos parece facilitar a participação das garotas na brincadeira, amenizando, eventuais conflitos com a família” (VIEIRA et al, 2021, p.7).

É na infância o período em que normalmente aprendemos a gostar de algo. Criamos um vínculo maior com alguma atividade, lugar, cheiro, de acordo com as nossas vivências. E também aquele amor, o gosto pela prática, a interação com o novo a partir de algumas experiências significativas. Igualmente, pode ser na infância que negamos alguns caminhos por conta de traumas. Então, assim como é muito acessível facilitar a prática de algum esporte e direcionar a criança para ele, ela também fica suscetível a abandonar ou criar uma resistência por conta de algumas situações negativas como preconceitos e rejeições (SOUZA, 2011). No presente estudo, a influência familiar sempre foi muito evidente em todos os relatos. Porém alguns mais positivos, e outros um pouco divergentes.

Positivamente, foram relatados pais envolvidos nesse processo, que, além de interferir em prol do desejo das filhas, iam além, fazendo esforços maiores para que elas se mantivessem ativas e apaixonadas por futebol - corroborando com Vilani e Samulski (2002), que relatam a importância do envolvimento dos pais em relação a escolha e aproximação dos esportes por parte dos filhos. Como, por exemplo, inscrever as meninas em uma escolinha de futebol, acompanhar em campeonatos,

levar para jogar junto com eles, em times fechados. Levar a parques e praças. Não só aquele joguinho sem função, ou rolar a bola entre um jogo e outro - que claro são importantes, mas que com o tempo se espera mais do apenas isso. Esses estímulos positivos eram mais voltados realmente para a evolução delas no esporte.

Ele me levava nos jogos dele, em quadras das praças públicas - nem que fosse para jogar só um 'gol a gol' -, íamos no Parcão e fazíamos as árvores de goleira – eu ficava chutando a bola nele, e também ficávamos driblando (1x1). Na verdade meu pai gostava de estar sempre envolvido comigo, ele comprava a ideia (Entrevista com Caçula, 27/08/2022).

De forma negativa alguns aspectos referentes a preconceitos e discriminação também surgiram, principalmente vindos da parte feminina da família, como mães e avós.

A minha mãe implicava um pouco e pra mim tudo era o futebol. Eu vivia aquilo. Estudar para poder jogar. Engolir o choro quando me machucava: 'se não tu não vai mais'. 'Tá com dor, não joga então'. Eu fazia tudo certinho, pra não ter o que reclamar, assim eu ficava 'livre' para jogar, quando pudesse." (Entrevista com Virginiana, 16/08/2022)

O fato de esperarem algo mais condizente com a imagem de feminino, de menina, baseados em estereótipos, também desencadeou essa implicância. "Minha avó falava em relação a eu me machucar, mas nunca falou em relação a ser algo de guri. Fala sim que menina era mais delicada, por mais que eu nunca tivesse sido muito delicada" (Entrevista com Caçula, 27/08/2022).

Para Mentz (2018),

A realidade do futebol de mulheres é reflexo do significado social em que seus corpos são inscritos. A feminilidade pressupõe elementos delicados, frágeis, emocionais e de submissão que não são correspondentes à realidade das quatro linhas do gramado, na qual exige características consideradas essencialmente masculinas, como competição, agressividade, racionalidade e força (MENTZ, 2018, p. 32).

Outro aspecto bastante confuso nessa iniciação esportiva, além das questões de gênero, é a relação com a sexualidade. O que se reproduzia em sociedade era a ideia de que a menina que jogasse futebol, passaria a se comportar como menino, sendo assim também começaria a gostar de meninas.

Acontece e acontece muito, mas porque o futebol é considerado um esporte de homem então mulher que joga futebol é homem. Por isso acontece bem mais no futebol feminino. A cultura acha que o futebol só serve pro masculino, só homem pode jogar, então se ver a menina jogando, já associa ao masculino (MENTZ, 2018, P.41).

O que preocupava muito as famílias, heteronormativas, das mulheres que fizeram parte desse estudo. Na fala de uma das interlocutoras, ela relata que

Minha mãe perguntou pra Bel, se caso eu entrasse na escolinha me tornaria 'machorra'. Precisou ela (Bel) sentar com a minha mãe e convencer ela de que eu só ia jogar futebol em um lugar melhor, mais organizado e que eu não viraria 'machorra' se começasse a fazer escolinha (Entrevista com Virginiana, 16/08/2022).

Mentz (2018, p. 39) ainda relata a respeito disso que tal receio “exprime o caráter homofóbico da sociedade em geral que afasta o público do futebol de mulheres”. O futebol, para as entrevistadas começou na família, mas se expandiu para os ambientes públicos como praças e parques. Sendo assim jogar na rua, para elas era algo comum, apesar das resistências. Como relatam Vieira et al. (2021, p.6), “os espaços informais, a rua ou a própria casa, tiveram papel importante na sua história com a modalidade, como local de iniciação ou de prática complementar lúdica”. Segundo os relatos de todas as meninas, não havia meio melhor de se desenvolver no esporte se não jogando com os meninos, e como nem todas estavam em escolinhas, a rua ainda era o espaço mais acessível, considerando horários, segurança e custos. Para a maioria, em sua iniciação, não existiam times, equipes, escolinhas, apenas de meninas. Por isso todas jogaram de forma ‘mista’ (meninos e meninas juntos), durante boa parte da infância. Um das interlocutoras afirmou que “jogava com os guris, não tinha gurria pra jogar. Jogava campo, 7, futsal. As gurias lá, queriam brincar de boneca e eu odiava boneca.” (Entrevista com Vizinha, 28/08/2022).

Foi nessa configuração de jogar com os meninos, que elas começaram a enfrentar os primeiros preconceitos, a aprender - o que hoje chamamos de ‘ser resiliente’ (SALVINI, 2016) - na prática e a negociar para conseguir permanecer jogando. Todas, sem exceção, tiveram que provar que mereciam estar ali para poder jogar. Provar não só que conheciam o esporte, mas que sabiam e performavam de forma suficientemente ‘boa’ para uma menina que joga entre os meninos. Ou seja, não bastava gostar de jogar, ou simplesmente querer, precisavam provar que podiam ocupar aquele espaço (VIEIRA et al, 2021). Precisavam de permissão para jogar, e conquistaram. Altmann (1998) relata sobre este aspecto que as meninas eram, inicialmente, consideradas más jogadoras, com isso, precisando demonstrar o contrário se quisessem realmente jogar.

Dois relatos bem marcantes e que desenham esse contexto são:

[...] na escola eu tinha que implorar pra jogar com os meninos até eles perceberem que eu sabia jogar. Eu era a última a ser escolhida e toda aquela função que tu deve saber bem. [...] Na aula de educação física, os guris iam jogar futebol, e as gurias iam formando grupinhos pra falar de guris, mexendo no celular ou inventado qualquer coisa pra fingir que estavam fazendo a aula. E eu ia pra quadra de futebol com os 'moleques'. Eu sempre pedia pra jogar, mas eles de início não queriam deixar. Mesmo eu dizendo que sabia jogar, eles não deixavam. Eu precisei provar falando que sabia jogar - pra que permitissem que eu participasse ("ok, tu vai jogar!"), mas mesmo assim ainda era a última a ser escolhida. Isso durava uma ou duas aulas. Na próxima vez, quando já tinham visto que eu era boa 'pra uma menina', aí eu já não era mais a última a ser escolhida, mas também nunca fui uma das primeiras. Mesmo sabendo que jogava no mesmo nível dos que eram os primeiros. (Entrevista com Caçula, 27/08/2022)

Em qualquer lugar, que eu nunca tinha jogado na vida, eu sabia que eu ia ser uma das últimas a ser chamada (na escolha dos times). Porque eu sabia que ninguém me conhecia ali, ou só um ou dois (meninos) me conheciam. Porque sempre chamam os melhores guris, depois os "perebas" e por último colocavam a guria. Porque os guris, principalmente na rua, eles não eram assim: ah tu não vai jogar..., Não, eles eram "parceria". Sabiam que tinham guris muito ruins jogando, então porque não deixar uma guria jogar... pra equilibrar. Um guri ruim pra um lado, e uma guria pro outro. Ou uma guria pra cada lado, quando tinha mais de uma. Às vezes uma das gurias nem era ruim, mas eles achavam equilibrado se colocasse uma pra cada lado. Aí, quando começava o jogo, eles viam que eu jogava. E eu sempre com cabeça erguida, quieta. E aí tu tem que impor uma postura corporal dizendo assim: agora tu tá vendo que eu sei jogar neh... E aí tu fica quieta e só mostra teu futebol. Isso era direto (Entrevista com Virginiana, 16/08/2022).

Todas as mulheres relataram algo parecido, com o que foi transcrito acima. A sequência de acontecimentos posteriores, também foram semelhantes. Primeiro, preconceito quanto a capacidade delas de jogar, ter que provar que pode estar jogando. Depois, o deboche por ser uma menina que joga melhor que os meninos. O terceiro, era irritar os meninos por ser melhor que eles e, por fim, tentarem impedir que jogassem por isso.

Ao perguntar o que acontecia e como era a convivência com os meninos foram recorrentes respostas que indicavam falas como: 'Ai meu Deus ela é uma menina, e tu perdeu pra ela! Aí, da próxima vez não faz isso (constrangido e brabo em tom de ameaça)', ou 'Não pode perder pra guria'. Para diminuir alguém era só dizer: 'bah a guria ali, joga mais que tu'. Abaixo, apresento excertos das entrevistas que evidenciam tais discursos:

Imagina tu dar um drible, passar pelo menino 'voando' e fazer o gol. Já tive situações de pessoas que não me chamaram mais pra jogar" (Entrevista com Vizinha, 28/08/2022).

Um momento que me marcou foi um lance que eu só conduzia a bola em velocidade e vieram dois guris pra roubar, e eu só travei, e passaram os dois retos, deslizando no chão, deram o carrinho do meu lado. Parou o jogo! A rua parou pra rir, porque eu parei a bola e driblei os dois. O Tio que tava varrendo a calçada se 'lavou' de rir dos guris. Zoaram eles as férias inteiras. Eles mordidos chateados. Naquela época, eu achava que era um elogio (dizer que eu jogava melhor que um guri). Hoje, eu vejo que não, que eu jogo mais que ele porque eu me esforço mais que ele, porque eu chego depois do treino e treino mais uma ou duas horas em casa pra voltar no próximo treino e jogar melhor que o 'outro' ali (Entrevista com Virginiana, 16/08/2022).

A questão não era apenas perder, mas perder para uma menina.

Mas se não é pra perder, não é pra perder pra ninguém. E se é pra ganhar, é pra ganhar de todo mundo. Incluindo homens, mulheres... qualquer coisa. Até por se tratar de crianças" (Entrevista com Caçula, 27/08/2020).

Neste caso entra o jogo de poder. "Era preciso ser boa, mas não era permitido ser melhor do que eles" (VIEIRA et al, 2021, p.9). Não era o espaço das meninas/mulheres e nos relatos das interlocutoras esse ponto ganha ênfase.

Eu jogava em família com o meu padrasto, meus dois irmãos e os amigos deles. Mas me sentia sempre um alienígena, sendo uma guria que joga futebol. Por muito tempo achava que era só eu, de guria, que gostava de jogar. E me sentia obrigada a demonstrar força para me manter naquele ambiente, ou pertencer mais a aquele espaço. Por exemplo: teve uma situação em que eu estava 'apanhando' o jogo todo, bico na canela, tomava jogo de corpo desproporcional, eu ainda era criança, e não podia reclamar. Se fosse uma guria fazendo as faltas que eles faziam, ela era ruim. Mas como eram os guris, a ideia era de que eu é que estava 'chorando' muito. E que 'jogar bola é isso aí'. 'Vai jogar, é do jogo' (Entrevista com Virginiana, 16/08/2020).

Essas situações geraram gatilhos que vejo até hoje em diversas meninas, quando jogo futebol. Muitas vezes, a cobrança é mal interpretada, justamente por termos que provar a todo momento que somos boas o suficiente. Essa questão de pertencimento e de alguma forma criar uma armadura para permanecer vem da base, dos primeiros preconceitos, de precisar absorver os choques e seguir. "A presença das mulheres nas mais diferentes ocupações e manifestações do futebol resulta de sua insistência em permanecer em um espaço que não é representado, incentivado e reconhecido como seu" (GOELLNER, 2021, p. 2). É assim que as meninas crescem e não desistem, absorvendo, transformando em motivação, e desafiando a lógica.

[...] lembro de quando eu era criança e estava sentada no muro vendo os homens da minha família jogar, e tomei uma bolada muito forte no nariz. Até cai do murinho, e começou a sangrar muito. A primeira coisa que fizeram foi soltar um 'oh' e depois caíram na gargalhada. Em seguida o famoso 'é isso aí, acontece, se tu não tivesse aí não tinha acontecido nada'. E com isso fui engolindo o choro, porque eu queria e gostava de estar ali, então pra estar ali eu não podia chorar, ou achar nada ruim, se não evitariam me deixar naquele ambiente. Foi assim que eu fui me fechando e **engrossando a casca** para poder ocupar aquele espaço e pertencer a ele (Entrevista com Trintona, 31/08/2022, grifo da pesquisadora)

Como foi dito anteriormente, as meninas se tornaram uma ameaça quando provaram que jogavam igual ou melhor que os meninos. Para conter isso, começaram as restrições mais pesadas, xingamentos, descontentamento, e ofensas. “Quando as mulheres são protagonistas de modalidades taxadas culturalmente como masculinas geram questionamentos, manifestações, preconceitos e discriminações” (VIANA, 2008, apud SCHÖNARDIE, 2021, p.6).

Falas que a gente sempre escuta, como: “guria não tem que jogar bola, vai brincar de boneca!”; “tu joga bola, então tu é machorra!”. No CT do grêmio eu ouvia os pais dos guris falando, porque a gente treinava e jogava no mesmo lugar, por mais que a categoria fosse masculina e feminina, eram campos lado a lado (Entrevista com Caçula, 27/08/2022).

Os relatos são similares em relação à capacidade que elas tinham de jogar de igual pra igual com os meninos. E o fato deles não aceitarem perder, ou não jogar, para uma menina estar no lugar que acreditavam ser seus.

Eu sempre fui titular nos times de escolinha mista que joguei. Mas são sempre os pais, que chegavam e cobravam os próprios filhos deles: como é que tu não tá jogando e a guria tá. Ou chegavam no final do jogo e pressionavam o técnico. Mas o técnico não deixava eu escutar, e me defendia nesses casos (Entrevista com Virginiana, 16/08/2022).

O estudo de Vieira et al (2021, p.10) se aproxima dos resultados e discussões presentes neste trabalho. Ao analisar as entrevistas, relatam que situações similares “motivaram reações violentas por parte dos garotos que se sentiam publicamente vexados, sendo hostilizados entre os colegas e cobrados de modo mais enérgico pelos treinadores”. Por esses motivos, algumas procuraram o futebol um pouco mais velhas, por escolinhas e times só de meninas.

Por pertencerem praticamente a mesma geração, é nítida a luta dessas mulheres por algo melhor e o que se destaca é a dificuldade em encontrar uma escolinha com futebol ‘feminino’ (MENTZ, 2018). Sendo assim, as interlocutoras da pesquisa tinham duas opções de equipes aqui em Porto Alegre, que eram

específicas de meninas. Duas das entrevistadas, por coincidência, fizeram escolinha no mesmo lugar, porém em anos diferentes. A realidade era a mesma em ambos os contextos. O sonho da maioria delas era chegar ao profissional, três das cinco entrevistadas realmente queriam e sonhavam com isso até chegarem à maioridade.

Com 15 anos entrei pra escolinha, depois fui jogar campo e fiquei lá dos 15 aos 18 anos. Sempre tive o sonho de ser profissional. Lá era 'campo' que a gente jogava. Mas era ruim porque apesar disso, quase não tinham campeonatos feminino, não tinha nada de investimento e estrutura. Tanto que quando cheguei no adulto (+18) não podíamos jogar com o nome da instituição, se não o clube teria que desembolsar uma quantia para a modalidade. E eles não queriam isso, tínhamos o espaço mas precisamos usar outro nome para competir na categoria adulta. Eu fiz parte do início da última geração do futebol feminino, antes de se tornar o que é hoje (Entrevista com Virginiana, 16/08/2022).

Atualmente, o clube referido pela interlocutora têm escolinhas sub-13, sub-15, sub-18. Na época de adolescente das meninas ouvidas neste estudo não existia tais subcategorias, eram só as escolinhas. Todas disseram que do sub-18 era extremamente difícil de subir pro profissional, fazer um treino com a equipe adulta era raro.

As escolinhas são de extrema importância para a constituição das jogadoras, pois é nela que se aprende a base do futebol, os princípios táticos e onde se lapidam os talentos. Com poucas oportunidades, o desenvolvimento técnico fica comprometido e acaba prejudicando futuramente a atuação em campo (MENTZ, 2018, p.25 e 26).

Durante as falas das interlocutoras foi unânime que a 'expectativa de profissionalização' também significava o pertencimento ao universo do futebol e a percepção de que se estivessem nas mesmas condições que acontecem hoje nas categorias de base femininas dos clubes, talvez pudessem estar disputando grandes competições. Antes, quando estavam no processo, apenas se sonhava. Como diz GOELLNER (2021, p. 3) "a restrição às competições freou o desenvolvimento da modalidade, coibindo de modo indelével a sua difusão". Assim, muitas meninas perderam a oportunidade de ter um futuro profissional no futebol.

Eu vejo as gurias jogando e sinto que poderia estar ali, algumas jogavam comigo. Eu treinava muito, quase todos os dias. Mas precisava de mais do que isso pra jogar. Eu parei de jogar por isso, não via perspectiva de ser utilizada, tinham muitas outras meninas mais velhas e afirmadas, com algumas regalias. Enquanto eu tinha que me desdobrar em mil, pra conseguir comparecer aos treinos do adulto, e mesmo assim eu não era da 'panela', também não tinha dinheiro pra acompanhar as viagens e custear as competições. Optei por investir no meu futuro, estudar e trabalhar. Já que

o futebol não me dava dinheiro e, pelo contrário, me afastava por não ter condições de permanecer como eu gostaria (Entrevista com Virginiana, 16/08/2022).

Assim como relata Fernandes (2019, p. 39), para essas meninas que sonhavam com algo maior, “o esporte será visto daqui pra frente como lazer, [...], não dá pra largar tudo e só viver de futebol”. Para complementar essa ideia, Goellner (2015) apud Mendonça (2019) reforça que inexistem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo de meninas e mulheres que desejam praticar esse esporte, seja como participantes eventuais, seja como atletas de alto rendimento. A mesma autora ainda traz dados de um relatório publicado pela FIFA, em julho de 2019, o qual registra dados produzidos a partir de uma pesquisa em todas suas federações associadas.

O documento indica que o Brasil tem um total de 15 mil mulheres disputando campeonatos em algum nível. Esse número é pequeno se compararmos, por exemplo, com a Argentina (27 mil), a Venezuela (24 mil) e os Estados Unidos (9,5 milhões). Em relação às categorias de base, os dados são mais alarmantes: apenas 475 jogadoras com menos de 18 anos são registradas nos clubes (GOELLNER, 2015 apud MENDONÇA, 2019, p. 8).

Esses dados só reforçam o status de um país sem grande investimento e incentivo na base, refletindo diretamente na profissionalização. Como visto na transcrição da fala de uma das entrevistadas acima e concordando com a informação de que a “maioria das atletas para porque não tem incentivo e porque chega 18 anos você tem que trabalhar e jogar. Se até os 18 anos o futebol não te deu nenhum retorno, então você tem que trabalhar” (SALVINI, 2016, p. 307).

4.2 VIDA ADULTA: INTERRUPÇÕES, NEGOCIAÇÕES E OS PRECONCEITOS EM OUTRA FASE DA VIDA

A partir do momento em que entraram na maioridade, a exigência e as prioridades nessa nova fase da vida acabaram afastando as mulheres do futebol. Além de precisar estudar e trabalhar, para a sobrevivência e assegurar um futuro mais tranquilo e estável, também se incluem nesse novo contexto, as atribuições esperadas e direcionadas às mulheres. Como cuidar da casa, cuidar dos filhos ou ter filhos/ser mãe e nutrir os relacionamentos. Quando se é criança ou até na adolescência, as pessoas de fora ainda acreditam que o futebol seja só ‘uma fase’.

Essa expressão foi muito usada pelas mulheres entrevistadas para falar dessa transição. Com isso, vai se perdendo a proximidade com o esporte e vão surgindo as interrupções, muitas vezes, forçadas e indesejadas. Forçadas por serem situações externas a essas mulheres, que de alguma forma significativa, a ponto de interromper a prática mesmo que internamente não seja do desejo da praticante. Uma delas colocou da seguinte maneira: “Já pensei várias vezes em largar [o futebol]. Porque até no trabalho as pessoas te julgam, sabe, porque tu joga futebol” (Entrevista com Vizinha, 27/08/2022).

Quando questionadas sobre as interrupções, dois aspectos foram recorrentes. Primeiro, a necessidade de estudar e/ou trabalhar, depois, e igualmente importante, uma eventual lesão. A relação com o trabalho e estudo é a mais forte, e com mais incidência como motivo de interrupções. Salvini (2016), em seu trabalho relata um contexto similar, onde as mulheres não podiam mais depender do futebol e precisavam trabalhar e estudar para garantir um futuro. E assim começam as interrupções. Uma das mulheres entrevistadas afirma que parou “[...] de jogar por um bom tempo. Não tinha tempo, nem incentivo pra voltar. Passava muitas horas trabalhando e estava na reta final da faculdade. Prioridades (Entrevista com Virginiana, 16/08/2022).

Outro ponto importante levantado a respeito do trabalho, não se refere apenas a renda ou questões financeiras, mas também envolve o fator tempo/disponibilidade integrado a essas responsabilidades. Reforçando o status de prioridade, e o futebol passa a não ser a maior em algum determinado momento.

Quando eu mudei de cidade, por causa do trabalho, eu demorei quase um ano e meio até conseguir um time pra jogar. Principalmente porque a rotina era muito pesada. Não dava. Era faculdade e trabalho tudo junto. E a minha chefe achava que eu deveria estar 24h focada na empresa, quando jogava ela me ‘enchia o saco’. “Tu não pode jogar futebol, vai te machucar...” Mas é meu lazer, me deixa (Entrevista com Vizinha, 28/08/2022)

Aproveitando a fala acima, pude constatar dois pontos distintos e essenciais nessa discussão sobre interrupções: a relação com o lazer, que será abordada a seguir, e também o medo da lesão ou de se machucar. Afinal, essas mulheres não podem mais ‘correr o risco de ficarem sem trabalhar por causa do futebol’. Esse é o próximo ponto alto quando falamos de interrupções: as lesões. Quatro das cinco

mulheres relataram que interromperam sua prática em determinado momento por conta de alguma lesão.

Quando, na minha percepção, eu estava no meu auge dentro do futebol 7 (20 anos), eu me machuquei. E pensei, 'pronto, eu nunca mais vou jogar futebol'. Me machuquei, depois veio a pandemia, aí eu parei de vez. (Entrevista com Caçula, 27/08/2022)

Em 2012, em seu estudo sobre autoimagem e autoestima de jogadores de futebol, Silva destaca que

Segundo vários autores (Bottererill, Flint & levleva, 1996; Petrie, 1993; Leddy, Lambert & Ogles, 1994; cit. Por Veloso & Pires, 2007) as consequências negativas das lesões afetam o bem-estar psicológico do jogador de futebol, e podem comprometer o seu equilíbrio e saúde mental, através de sintomas como depressão, baixa autoestima, medo, desespero, frustração, impaciência e não adesão ao plano de tratamento (p.25)

Corroborando com essas informações, os relatos da presente pesquisa foram voltados para estes aspectos psicológicos relacionados ao medo e à frustração. O medo de não conseguir jogar no mesmo nível, de voltar a fazer movimentos naturais (correr, saltar, chutar, passar) sem dor, e principalmente de se machucar novamente ou compensar o déficit em outra estrutura do corpo e acabar lesionando outro local. Uma das mulheres relatou que tinha “Medo de aquecer, no início medo até de andar. De machucar novamente, de compensar com a outra perna” (Entrevista com Caçula, 27/08/2022).

A frustração de não conseguir desempenhar como gostaria, de não conseguir se recuperar por completo, a ansiedade de querer voltar a se movimentar normalmente, de trabalhar.

Quando eu me machuquei eu só pensava: e agora, eu trabalho com o meu corpo, sou Personal Trainer... Preciso do meu corpo pra trabalhar, não posso me machucar. O que eu vou fazer, agora...Eu voltei a caminhar e a trabalhar em dois dias, com o LCA (ligamento Cruzado Anterior) rompido. Eu chorava todos os dias de dor. E depois achava que não voltaria mais a jogar no mesmo nível. Treinei muito pra conseguir voltar, e demorou horrores. Até hoje ainda não me sinto plena jogando, ainda tenho medo, menos, mas ainda tenho (Entrevista com Virginiana, em 16/08/2022).

Outro ponto forte é a decepção por não terem nenhum suporte das equipes e pessoas próximas ao futebol, como visto no estudo de Salvini (2016)

[...] se você enfrenta lesões que acontecem dentro do clube que não tem apoio do clube. Eu conheço muitas meninas que pararam por causa de lesão, então tem que ter a cabeça muito forte. É você e você. Você vem

correr por conta própria se prepara, pra que? Buscando a incerteza? (SALVINI, 2016, p.308).

Essa realidade está presente em outro relato:

Eu me machuquei e não tinha ninguém pra me ajudar. Eu estava jogando pelo time e não fizeram nem uma vaquinha, um jogo beneficente, nada. Fiquei muito chateada com isso. Não era pra pagar uma cirurgia, mas talvez pra diminuir os custos, querer ajudar em alguma coisa. Mostrar alguma atitude, sabe. Quase fiquei sem trabalhar. Quando eu tava jogando eu prestava, me doe, me preparei, e agora que machuquei, 'já era tudo', difícil (Entrevista com Virginiana, 16/08/2022).

Apesar das interrupções, as mulheres passaram por cima das adversidades, e voltaram a praticar o futebol. Apaixonadas pelo esporte, não conseguiram ficar longe e se renderam ao prazer de estar com a bola nos pés novamente. Com isso, negociações envolvendo o trabalho, estudo e relacionamentos, se tornaram parte de suas rotinas para sustentar a presença das mesmas em treinos e jogos. Vieira et al (2021, p. 7) salienta que a presença das mulheres neste ambiente “demanda um processo de negociação com os demais e com elas mesmas na construção de um pertencimento e de uma identificação com o futebol”.

Essas negociações foram significativas com relação ao estudo e ao trabalho, pois, como vimos anteriormente, também foi o aspecto que mais causou interrupções. Sendo assim, são elas que negociam e encontram uma maneira de conciliar as obrigações (trabalho e estudo), com o futebol.

Trabalho e o estudo interferem muito no sentido de escassez de tempo e no cansaço do dia a dia. Porque no meu time, eu treino uma vez na semana e é o único treino que eu faço na vida. Não consigo fazer um reforço muscular, uma preparação mais específica, nada. E não é porque eu não quero, ou esteja com preguiça. É porque não tem como, já que fico 10h aproximadamente no trabalho. Mas como [o futebol] é algo que eu gosto muito de fazer, eu vou mesmo que eu esteja morrendo [cansada ou com dor] (Entrevista com Caçula, 27/08/2022).

Outras falas que ilustram esse esforço são:

Logo que terminei a faculdade já deixei bem claro que queria voltar a jogar, competir, treinar futebol. Sentia muita falta, então ajustei meus horários de trabalho para melhor conciliar com os treinos e jogos. Hoje, eu tento ao máximo manter meu compromisso com o futebol, porque é parte essencial da minha vida, não ficaria mais sem (Entrevista com Virginiana, 16/08/2022)

Eu já combinei com as gurias que fazem plantão comigo pra não me colocarem nos de quinta (dia de treino). Às vezes, eu to muito cansada e até penso em não colocar meu nome na lista pro treino, mas ai no final eu não resisto e coloco [risos] (Entrevista com Doutora, 28/08/2022).

Essa conexão com o futebol é um retorno ao que o esporte representa e proporciona na vida dessas mulheres. A maioria trata como uma ‘terapia’. Nesse sentido, relatam que por aquele momento esquecem dos problemas, relaxam e até mudam de humor simplesmente por estarem fazendo algo que gostam.

[...] jogar futebol pra mim é uma terapia. Fico mais tranquila, me tira o estresse. Uma semana com futebol eu sou uma pessoa, já uma semana sem futebol eu fico completamente diferente (Entrevista com Vizinha, 28/08/2022)

Às vezes, é difícil negociar, por causa do tempo, mas sempre vale a pena. Eu pratico mais por diversão, então quando tá muito puxado, tô muito cansada, eu tenho que segurar um pouco. Mas eu gosto muito, e mesmo as vezes sendo mais difícil, eu tento ao máximo manter o compromisso com os treinos e jogos. Eu também acho que quando se pratica um esporte, pra estudar fica mais fácil. Eu me sinto bem melhor pra trabalhar depois. (Entrevista com Doutora, 28/08/2022)

Algumas ‘cabulam’ aulas (quando podem), outras deixam de ir a aniversários e encontros de família, dão ‘bolo’ nas amigas, desmarcam compromissos, fogem de algum imprevisto etc. Tudo pra jogar futebol. Estes relatos evidenciam o “protagonismo das mulheres que, em diferentes tempos e espaços, elaboraram estratégias para viver o futebol” (GOELLNER,2021, p.1).

Eu não vou no aniversário ou na festa. Eu priorizo o treino ou jogo. Claro se for o aniversário da minha avó (alguém muito especial) aí eu negócio, tento ir um pouco antes pra ficar com ela, depois ir pro jogo e voltar pro aniversário. Se não for o da vó, eu nem penso. É jogo [risos] (Entrevista com Caçula, 27/08/2022).

Um importante relato em relação a estas negociações é o de ser mãe. Uma das entrevistadas vive o dia a dia de mãe, estudante, trabalhadora, esposa e ‘atleta’ amadora.

[...] tem dias que eu estou em laboratório, estou sem carro também, onde atrapalha toda a minha logística em relação ao meu filho. Não tenho como deixar ele sozinho até tarde. Saio pra aula às 18h e ele está chegando da escola. Coloco no banho e dou algo pra comer, corro pra aula... Enfim, complicado ser mãe, trabalhar, estudar e querer estar com o time, mas não é impossível, por vezes, dou conta e por outras não, e tá tudo bem, faz parte. Muitas vezes queria me justificar pelas minhas ausências. Sei que temos jogos importantes e seria maravilhoso estar sempre no treino, mas tem semanas que estou literalmente sozinha, meu marido viajando, sempre que eu puder estarei presente, mas nem sempre consigo (Entrevista com Trintona, 31/08/2022).

Ao encontro desse relato, estão alguns aspectos encontrados por Salvini (2016, p.308-309), que destaca a relação das obrigações como esposa, em uma fala

sobre “mulheres que tem marido e sempre arrumam um tempo pro futebol. Eu acho que a mulher brasileira é um arraso. O futebol dentro de campo a gente sabe que é a mesma coisa, mas fora é que temos essas dificuldades”.

Muitas pessoas, segundo as entrevistadas, consideram o futebol como um luxo, como se estivessem se dando permissão para algo além de suas necessidades e papéis sociais.

“A história do futebol de mulheres foi condicionada por conceitos de feminilidade e masculinidade específicas que inscreveram os corpos das jogadoras em determinados papéis a serem cumpridos, ao mesmo tempo em que foram fator de exclusão em determinados espaços” (MENTZ, 2018, p. 47).

Essas representações abrem espaço para que as pessoas tenham um preconceito a respeito da posição da mulher não só relativo ao esporte em si, mas também considerando o seu lugar como indivíduo dentro de um contexto de vida pessoal. O futebol deixa de ser o esporte por si só e passa a ser também um componente da vida dessas mulheres, um escape, um lazer, uma diversão, uma obrigação.

Em tempos como o de hoje, é comum ver mulheres frequentando as quadras de futebol. Apesar de na infância essas mesmas mulheres terem sofrido preconceito, pela escassez de praticantes, times e campeonatos, nota-se um aumento da presença nesse ambiente. Sendo assim, existem possibilidades de permanência para quem consegue negociar e superar as adversidades pelo caminho. Não por isso, se exime a presença de julgamentos e preconceitos.

Hoje há mais liberdade de escolha, a liberação para a prática esportiva feminina é bem maior, não há restrições à prática de esportes considerados masculinos e geralmente o incentivo da família é bastante presente. Temos mais ambientes para a prática de diferentes modalidades. Mas é reconhecido que, embora haja uma crescente presença da mulher nos esportes, ainda há muitos preconceitos e estereótipos envolvidos (SOUZA, 2011, p.9).

Dentre as questões abordadas pela entrevista, se destacaram como preconceitos da vida adulta a ênfase sobre a sexualidade das mulheres que jogam futebol. Essa pesquisa se mostrou equilibrada sendo três das mulheres entrevistadas heterossexuais, e duas lésbicas. O que não é tão comum, mas mostra que muitas barreiras e estereótipos já estão sendo desmistificados e que o espaço está em constante mudança, e apropriação.

Essa questão de ‘machorra’ eu acho que é a pior. Eu sou [lésbica], mas e daí... a vida é minha. E eu não acho que uma coisa tenha influência direta na outra como causa e consequência. Porque eu jogava futebol desde muito nova, quando eu mal andava. E me descobri “sapatão” com 16 anos, quando eu já tinha feito mil e uma coisas. Eu acho que não influenciou em nada. Os guris até achavam legal uma menina que joga bola e gostam de meninos. Naquele momento, eu não sabia que não gostava, eu achava que sim também. Até porque acontece né. Tenho amigos que são [risos]. Eu tenho várias amigas que jogam bola e são – ‘hetero’ no caso. (Entrevista com Caçula, 27/08/2022).

Essa fala destacando a expressão ‘tenho até amigas que são’, em tom de brincadeira, parece ter sido utilizada para se referir a presença de mulheres heterossexuais no ambiente do futebol e nos leva a pensar na diversidade de identidades afetivo-sexuais que compõem esse contexto. Reforçando, assim, o termo ‘futebol de mulheres’ e as diferentes formas de ser mulher, no ambiente do futebol, não se prendendo a rótulos, nem estereótipos e, sim, explorando a diversidade de perfis e individualidades presentes.

[...] o futebol, é um espaço em que as mulheres, de certa forma, conseguem ir contra uma norma heterossexual e de feminilidades tradicionais. Digo de certa forma, pois essas mulheres não chegam a tencionar as relações de gênero o suficiente para não serem mais entendidas como pertencentes ao sexo feminino. Mesmo com nuances, são reconhecidas enquanto mulheres. O que parece incomodar a certas audiências é como esse “ser mulher” pode ser expresso pelo corpo, fora de uma norma tradicional (MENTZ, 2018, p.48).

Com relação ao preconceito, com exceção de uma das entrevistadas - que disse nunca ter sofrido algum preconceito -, todas as restantes relataram ter sofrido, de alguma forma, algum incômodo ou desrespeito por conta de estarem jogando futebol, mesmo depois de adultas. Ao serem perguntadas sobre como foi e porque, todas responderam despretensiosamente: ‘Todo mundo já passou por isso, neh’. Salvini (2016), novamente corrobora com esse contexto quando em seu estudo destaca a seguinte fala: “[...] acho que todas as meninas que jogam já sofreram ou sofrem algum tipo de preconceito”. A jogadora três não sofreu preconceitos diretos, contudo, alega que “[...] já vi olhares diferentes, ah você joga futebol? Que legal, mas é diferente, né? Achei que só homem que jogava” (SALVINI, 2016, p.304).

Durante as entrevistas todas relataram que as pessoas costumam julgar e não entender a opção pelo futebol até fazendo campanhas contra, perguntando porque joga, porque ainda não abandonou. Inclusive, dizendo que poderiam estar fazendo qualquer outra coisa melhor.

Quando eu cheguei em São Paulo, falavam assim: como tu tá aqui toda de salto e tu joga bola. E eu fiquei 'gente, uma coisa não tem nada a ver com a outra. Se uma pessoa pode usar salto, porque não poder usar uma chuteira também. Muito mais fácil (usar uma chuteira), inclusive [risos] (Entrevista com Vizinha, 28/08/2022).

Apesar de quatro das mulheres participantes no presente estudo não terem relatado nada sobre seus corpos serem sexualizados, uma delas deu um importante testemunho em relação a isso. Quando questionada sobre algum preconceito vivido, alguma situação desconfortável ou um evento marcante, surgiu a seguinte declaração:

E tinha também no começo, como jogava eu jogava com os 'caras', tinham alguns que tentavam passar a mão em ti. Então tinha vezes que dava raiva. Mas como eu gostava mais de futebol do que de passar raiva, eu não desisti. Eu tenho uma recordação mais forte de um vizinho nosso. Ele passou a mão inteira no meu corpo quando ele foi me marcar, e deu pra ver que foi com maldade. Tem aquele toque que não é necessário, sabe. Tiveram outros em outros jogos, mas esse me marcou bastante porque eu era mais nova também. E ele passou a mão em todo o meu corpo, do meu peito até a bunda e mais abaixo (Entrevista com Vizinha, 28/08/2022).

Sendo essa uma situação delicada, que não foi abordada por mais nenhuma outra mulher, porém igualmente significativa para este estudo e para a discussão da trajetória e o contexto das mulheres nesse esporte.

Os assédios e violências que as jogadoras sofrem dentro e fora de campo sempre têm a ver com o gênero ou sexualidade. Os insultos são utilizados como forma de desestabilizar a performance das atletas, transformando seus corpos em objeto sexual ou referindo-se a funções que são ditas femininas como forma de ofensa (MENTZ, 2018, p. 44).

Assim como Mentz (2018) coloca, essa invasão ao espaço, ao corpo e a presença das mulheres, faz ameaçada a permanência das mesmas no ambiente do futebol. Não é apenas um abuso, ou um prevalecimento, mas sim uma ofensa. Muito provavelmente com o intuito de realmente afastar as mulheres daquele espaço, constranger, a fim de desestabilizar. E o mesmo serve para os insultos, e insinuações que são proferidos vez ou outra, segundo as entrevistadas.

Depende da forma que tu fala e pra pessoa que tu fala. Cada pessoa tem suas experiências, às vezes sofre a vida inteira um preconceito e quando fazem algum comentário ou até brincadeira acaba pegando mal pra ela, e quem falou até nem percebe. Mas na maioria das vezes eles sabem o que estão dizendo e porque (Entrevista com Doutora, 28/08/2022).

Com relação a como recebem esses preconceitos, insultos e situações desagradáveis, foi também ressaltado por todas que hoje elas têm maior vivência, preparo para interpretar os acontecimentos, outra cabeça.

A gente ainda escuta muita coisa, mas já tem maturidade pra saber de quem está ouvindo e onde vai dar. Eu sempre ouvi coisas, e criei uma armadura, não sinto mais como antes. Mas também, hoje eu brigo mais, não me calo, indago. E normalmente as situações ficam constrangedoras para quem faz os comentários preconceituosos. Não é mais tão opressor porque não deixamos mais nos atingir, e principalmente porque respondemos. (Entrevista com Virginiana, 16/08/2022)

A mesma ainda completa da seguinte maneira:

Não é mais algo comum, é feio, como sempre foi, mas agora a maioria reconhece, e pressiona quando acontece algo. Se alguém fala alguma coisa desrespeitando uma gurria, já tem todo o entorno repreendendo e questionando, gera indignação no ambiente. O que antes era piada, agora é levado a sério (Entrevista com Virginiana, 16/08/2022).

Relatos estes que confirmam o que Goellner (2021) constata quando diz que

“Por fim, urge destacar que em diferentes tempos e espaços as mulheres elaboraram estratégias para viver o futebol e nele (e por ele) exercer o direito de falar em seu nome e no nome de outras que, por inúmeras razões, não o fizeram” (GOELLNER, 2021, p.9).

Percebo que é exatamente isso que vem acontecendo, mais pessoas estão tomando a linha de frente, não abaixando a cabeça e fazendo valer a sua voz e sua presença. Sem desvalorização, existe um enfrentamento que caminha em busca da igualdade de direito de pertencimento e de apropriação de um espaço e uma cultura esportiva.

Quando alguém vem com esses ‘papos’ eu já corto logo, ou sou bem direta fazendo até a pessoa ficar constrangida. Hoje não tem mais espaço pra isso. Eu noto que tem mais gente conversando sobre futebol com as mulheres, debatendo e entendendo que mulher também gosta de futebol. E antigamente não tinha isso, quando eu falava de futebol, achavam que eu não entendia de verdade, que não sabia as regras, o que era lateral, escanteio, tiro de meta (Entrevista com Vizinha, 28/08/2022).

Assim como Salvini (2016), essa pesquisa mostrou que apesar de ser uma luta injusta, e existirem preconceitos ainda sendo reproduzidos, as experiências apresentadas pelas entrevistadas relatam que aos poucos mudam as representações e que esse preconceito não é e não foi suficiente para que as mulheres abandonassem a prática do futebol.

4.3 O FUTEBOL 7 JOGADO PELA MULHERES

A modalidade Futebol 7 aparece primeiro nas escolinhas de futebol e nos jogos mais voltados para atividades de lazer, como partidas entre família e amigos.

Recorrentemente conhecido como Society (CARVALHO, 2014; JORDÃO; DA SILVA, 2022), a prática foi ganhando espaço com o aumento da procura, do investimento em espaços específicos que atendessem a essa demanda. Perguntas sobre porque e como conheceram a modalidade, todas relataram que, de forma geral, foram apresentadas ao esporte quando eram mais jovens, por conta das escolinhas de futebol e os jogos entre amigos e família, como dito anteriormente.

A modalidade competitiva, porém há pouco mais de 4 anos, tem sido difundida com maior ênfase e vem ganhando maior visibilidade a cada dia, a partir de então. Com isso, muitas das mulheres ainda estão se acostumando às regras e rotinas das competições. Dentre as jogadoras pesquisadas neste estudo, apenas uma já havia competido antes, quando mais jovem. O restante começou a compreender e se integrar com a modalidade dentro dos 4 últimos anos, desde 2018. Nesse processo, as mulheres passaram a consumir o Futebol 7 a partir do momento em que começaram a competir.

Eu sabia que existia o futebol 7, e conhecia como 'society', por causa dos jogos do meu pai, puramente voltado pro lazer. Nunca tinha ouvido falar em competições, principalmente de mulheres. Eu cheguei a jogar no society - quadra das bolinhas/borrachinhas pretas - na escolinha, mas só treinava, não sabia que tinham competições. Eu não consumia futebol 7, mas depois que comecei a jogar que eu passei a consumir também. E pensei: "Ó! Dá pra competir legal aqui, mais acessível e mais fácil do que o campo (por conta do desgaste físico e das regras). Aqui também tem seleção, está se criando uma estrutura legal de competições e equipes femininas (Entrevista com Caçula, 27/08/2022).

Sobre como começaram a competir, atestei que algumas começaram a jogar como amigas, por diversão e depois chegaram ao nível competitivo e por escolha resolveram se inscrever em competições, outras receberam indicação de um time específico que já competia. Assim, ingressaram nas federações como atletas amadoras. Um das mulheres coloca que o "contato com o 7, eu tive na escolinha quando eu era criança e agora na orla (Quadras próximo ao Guaíba), depois me chamaram pra jogar no time que estou hoje (Entrevista com Doutora, 28/08/2022).

Os relatos conversam diretamente com algumas constatações presentes na pesquisa de Fernandes (2019, p.38), que conta que "o curioso é que todas inseriram-se no Futebol 7 por convite de pessoas conhecidas envolvidas com a modalidade, e por mulheres mais experientes que praticavam essa modalidade "nova".

Outro questionamento feito a respeito do Futebol 7 foi porque essas mulheres decidiram competir, como elas se enxergavam nessa modalidade e, principalmente, relacionando com o caráter competitivo que escolheram desempenhar. Primeiramente, as respostas foram relacionadas ao aspecto sobre como elas se enxergavam e relacionaram a isso o retorno que recebem ao treinar e jogar. Considerando um bem estar mesmo que, às vezes, provoque um estresse momentâneo, por conta da cobrança e da exigência que a competição pede.

Eu posso chegar irritada no treino, de mal com a vida... mas normalmente saio do treino com uma satisfação imensurável. E uma felicidade, porque é algo que eu gosto, me faz bem, me joga lá em cima. Eu me estresso por me cobrar muito, mas também na mesma medida me alivia a tensão, esqueço da vida quando estou treinando ou jogando (Entrevista com Caçula, 27/08/2022).

Essa paixão pelo esporte é um ponto crucial, como motivação para estas mulheres estarem competindo. Assim, como dito por Souza (2011), os motivos mais mencionados foram: gostar da prática, seguido por realizar uma atividade física, divertir-se, reencontrar os amigos, aliviar o estresse e, por último, manter a saúde (p.22). Ou seja, a vontade de jogar é maior e a sensação de competir descrita por elas é algo incrível. Muito associada à ideia de intensidade, foi recorrente o uso da frase ‘competir me faz sentir viva’. Na fala de uma das mulheres, ela que coloca que “Eu sempre gostei de competir, e eu gosto dessa questão de grupo. Sempre achei muito legal, e se não tem isso eu não me motivo a jogar, é legal o friozinho na barriga” (Entrevista com Vizinha, 28/08/2022).

No campo do lazer, pode-se dizer que o futebol 7 competitivo entra numa dimensão da seriedade, assim como no estudo desenvolvimento por Pacheco e Stigger (2016), no qual foi compreendido que as mulheres se engajarem em competições vinculadas ao voleibol máster fazia parte da representação identitária de algumas dessas mulheres e a dimensão do rendimento e da competição não deixa de se situar aquela vivência no campo do lazer.

Assim como é importante no presente momento do jogo ou treino, também foi relatado que só de saber que consegue performar em um ‘nível bom’, ou que considera satisfatório, já muda a percepção e melhora a motivação em outras áreas, como estudo e trabalho. Já visto anteriormente.

Eu amo jogar futebol, é uma parte de mim, não me vejo mais não jogando. É essencial pro meu humor, pra minha semana. Eu trabalho melhor, eu vivo melhor, esqueço da vida jogando. E sempre foi a minha paixão. Quando eu

jogo mal, fico braba, vou trabalhar pensando no que poderia ter feito melhor, passo a semana me analisando. Se sinto que joguei bem, já fico mais tranquila, me cobro igual, mas não fico com tanto peso na consciência sabendo que dei o meu melhor (Entrevista com Virginiana, 16/08/2022).

Elas se engajam em competições, onde é importante ter nível de desempenho elevado para se manter competitivo. E assim como no estudo de Pacheco e Stigger (2016, p.131) nos deparamos com relatos tensionados “por questões de habilidades, exigências e performances que eram necessárias para a sustentação daquele grupo de mulheres”. Os testemunhos sobre competir se referem muito a gostar dessa energia, de colocar intensidade e um propósito mais rigoroso nos treinos e jogos. A competição por si só já instiga a maioria. Seja voltada pra evolução individual ou em equipe.

Se fosse pra treinar só por treinar, eu jogava o meu ‘futebolzinho’ com meus amigos, sem pressão, numa boa. Mas eu treino pra competir. Quero evoluir, e a competição me ajuda bastante nisso. Porque a competição me desafia, e o que me desafia me motiva (Entrevista com Caçula, 27/08/2022).

Outra importante afirmativa sobre a competição é a cobrança interna e externa. A interna seria para com a própria performance e a externa é não só com o grupo/time, mas também pela ambição de querer vencer.

Eu sou muito competitiva, e eu gosto de ganhar. Mas eu costumo dizer que eu odeio mais perder, do que gosto de ganhar. Então realmente eu me considero muito competitiva. Eu me cobro, quero evoluir, quero ajudar o time a crescer, me entrego muito e me doo ao máximo (Entrevista com Virginiana, 16/08/2022).

Essa questão trouxe até uma reflexão importante sobre as condições de competição. Já que como relatado nos capítulos anteriores, as trajetórias e contextos a que estão inseridas estas mulheres diferem, apesar de passarem por processos parecidos, existem inúmeras diferenças e particularidades. Sendo assim, elas competem no mesmo torneio, mas nem sempre tem as mesmas condições de desempenhar. O que torna o momento competitivo ainda mais particular e especial.

Até da última vez que eu competi, eu tinha dito que não competiria mais, mas por questões de que não sou mais uma guria nova, de 15 ou 16 anos, não tenho mais o mesmo pique. Se tu botar pra jogar uma guria de 18 anos contra uma de 30 é muito diferente. Eu não tenho mais a mesma intensidade e capacidade que ela, assim como as minhas exigências no dia a dia são diferentes. Enquanto a guria mais nova provavelmente ainda não sabe o que é trabalho pesado, e só se dedica a treinar, eu tô trabalhando, estudando e treinando no meu limite (Entrevista com Vizinha, 28/08/2022).

É essencial destacar, então, que o viés de lazer pode parecer uma contradição

em relação ao modelo competitivo - se assumimos uma representação de lazer ligada apenas ao seu caráter descompromissado ou lúdico - mas o que se percebe é que a seriedade no lazer atravessava também os compromissos que cada uma das mulheres assume (PACHECO; STIGGER, 2016) e o conjunto de investimentos feitos por elas para viver o futebol. E é por esses motivos que a prática se sustenta como um espaço de lazer, levado a sério.

Questionando as atletas sobre como estão percebendo as mulheres nesse ambiente do futebol 7, tive uma surpresa. Visto que ao formular a pergunta era esperado uma resposta sobre o avanço da modalidade, a presença cada vez maior por parte das equipes femininas e o quanto se mostra de diferente de alguns anos atrás essa conjuntura, obtive respostas em uma linha de pensamento bem diferente. O que foi relatado dizia muito mais respeito a como estas mulheres estão se portando nas competições e nas equipes.

Existe um respeito, mas também existe muita rixa. E o futebol 7 aqui é muito rotativo, um dia tu tá jogando comigo, no outro tu tá no time contra. E também, quem hoje é tua adversária, amanhã pode estar vestindo a mesma camisa que tu. E é assim, não dá pra levar tudo pro pessoal, ou pro extremo. Eu acho que às vezes elas se esquecem que está todo mundo lutando pela mesma coisa. Por isso que talvez ainda não seja algo maior. O que eu não gosto é que muitas vezes as meninas sentem a necessidade de, por exemplo, precisar desmerecer a 'fulana', para mostrar que elas são boas. Pra exaltar a si torcem contra as outras. Porque muitas vezes tá cada um por si e azar o dos outros, quando na verdade se pensar no todo, não é cada um por si. Assim como dentro de quadra é um esporte coletivo, fora dela também é preciso pensar no coletivo. Divergência sempre vai ter, mas precisa estar todo mundo fechado brigando pelas mesmas coisas (Entrevista com Caçula, 27/08/2022).

O rendimento esportivo entra como mediador de participações nas equipes, e muito provavelmente tenha influenciado nessas questões externas que são levadas para o lado pessoal. Já que o rendimento esportivo acaba definindo, na maioria das vezes, a saída de algumas dessas mulheres dos seus antigos times, tornando o esporte rotativo em relação ao quórum.

Sobre esse contexto é recorrente o relato de estar muito presente nas competições. No início dessa pesquisa eu achava que tinha até mais cumplicidade, mas ouvindo algumas destas mulheres, pude perceber uma rixa maior do que eu imaginava. Como me relataram, tem atletas que mudam de time, a maioria já se conhecem, chegam na hora do jogo e acabam levando pra quadra algum problema pessoal ou o inverso, trazem uma 'coisa de jogo' (cobrança, lances

de falta, e discussões) pro lado pessoal. Tem também o legado, que muitas vezes começa com o desentendimento de uma pessoa específica com outra, e vão levando isso pros times, pros grupos, e vai crescendo. Quando tu para pra analisar, quem começou toda a rixa nem joga mais e a implicância continua.

[...] outra coisa que me incomoda e eu acho que precisa mudar, é que não pode mais ter essa coisa de levar tudo pro pessoal. Tu jogou, deu acabou, é isso aí. Mas a mulher não consegue fazer isso. Em relação a cobrança e rixa com outros times (Entrevista com Vizinha, 28/08/2022).

Após esses relatos procurei levar para a discussão e reflexão aspectos referentes à competição e ao cenário do futebol de mulheres na modalidade futebol 7. Ou seja, agora sim, falando sobre o desenvolvimento da modalidade, como estão percebendo a organização, a evolução dos torneios e o investimento nas equipes de mulheres que estão ocupando esse espaço. Nesse ponto, uma das mulheres afirmou que:

Ainda não é o que a gente merece, nós mulheres. Não gosto desses clichês de que futebol feminino não tem público, ou que não dá dinheiro. Porque só não dá um retorno maior porque também não investem na modalidade. Dinheiro puxa dinheiro. Se tu investir, a chance é muito maior de retorno do que se somente deixar acontecer (Entrevista com Caçula, 27/08/2022).

Sobre as críticas referentes a modalidade, entendo que são muito válidas e necessárias, porém acredito que os pontos positivos poderiam ser mais ressaltados e considerados nessas análises. Entendo a necessidade de melhora, e que, na maioria das vezes, é inevitável pensar em como a modalidade é diferente quando direcionada para os homens, sendo até injusta para as mulheres se feita essa comparação. Concordando assim com Kessler (2015, p. 59), quando revela que

[...] mesmo com as mudanças existentes no futebol de mulheres, o “discurso das ausências” ainda persiste, limitando a visão sobre os ganhos já conquistados e focando nas carências em comparação à matriz espetacular futebolística dos homens (KESSLER, 2015, p. 59).

Esse discurso segue predominante e as revogações devem ser ouvidas, mesmo que reconhecendo o crescimento ainda existem muitas coisas estruturais a melhorar.

A gente tá no caminho, fico feliz que temos federações que olham pra nós como potenciais investimentos. Ainda não me sinto satisfeita, porque eu ainda acho que tem muito o que desenvolver em relação a estrutura e ao próprio olhar com mais respeito para as nossas competições (futebol de mulheres) (Entrevista com Virginiana, 16/08/2022).

O relato mais pertinente a esse respeito é uma crítica construtiva, porém ácida, sobre o descaso com alguns aspectos fundamentais para a permanência das equipes nas ligas, e torneios.

Do vestiário, à arbitragem, e principalmente à postura. Tanto das atletas, como das comissões e equipes em geral, a forma como significam a prática ainda considero muito a quem. Por exemplo: Arbitragem do feminino é muito fraca, sem critério e parece querer proteger e ao mesmo tempo subestimar as gurias. Por exemplo: em um lance marca falta em um contato normal, e em outros lances mais ríspidos deixam seguir por achar que foi 'sem querer', ou porque a jogadora errou o movimento técnico. A regra deveria ser aplicada independentemente se o jogo é de mulheres ou de homens. Elas são as mesmas. Porque se apita um jogo masculino de uma forma e o das meninas eles apitam de outra. Outra coisa, porque pros homens tem premiação e para as mulheres tem campeonato que não paga nada. Acontece que se for assim, a gente muda toda hora de federação, como foi da última vez. Temos que resolver (Entrevista com Trintona, 31/08/2022).

Para finalizar, é importante destacar que todas as mulheres que fizeram parte deste estudo, dando seus testemunhos, acreditam em um rápido e crescente desenvolvimento. Consideram como um legado sendo deixado para as próximas gerações. Já se nota que meninas mais novas estão desfrutando do que muitas dessas mulheres batalharam para conquistar, se não ativamente, camufladas nos conflitos do dia a dia, aos poucos. No início, silenciosamente, mas gerando um ruído enorme ao passar do tempo. Atualmente, estão onde estão e chegaram onde chegaram porque, apesar de tudo, não desistiram. De acordo com uma das interlocutoras, "O que a gente tem aqui é muito grande, pensando em como foi na minha formação. Mas ainda é pouco perto do que se pode e deve fazer. Eu tenho certeza que ainda vai crescer muito" (Entrevista com Caçula, 27/08/2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAS

Refletindo sobre o processo de pesquisa pude concluir que este trabalho se mostrou importante profissionalmente, pois permitiu me aprofundar em um assunto que tenho muito interesse, que é futebol de mulheres. Poder ouvir, conversar e refletir sobre a trajetória e os desafios que cada uma dessas cinco mulheres enfrentou e ainda enfrenta, foi essencial para entender o contexto e os avanços que permeiam o ambiente do futebol 7.

O objetivo de compreender como os significados de uma prática esportiva se articulam com a sustentação da mesma num espaço/tempo de lazer pautado pelo rendimento, em relação a todo um contexto e atribuições externas a essa prática, foi contemplado visto que conseguimos compreender também as principais causas de interrupções da prática do Futebol, por parte das mulheres, e os principais desafios enfrentados para a permanência dessas mesmas mulheres no futebol 7 competitivo. Para isso, foi preciso entender como essas mulheres negociam com seus deveres e obrigações para permanecerem ativas na modalidade.

Na forma de entrevistas semiestruturadas, este Trabalho de Conclusão de Curso me propiciou reviver momentos muito importantes, marcantes e de significativa aprendizagem dentro da minha graduação. Refletir sobre questões de gênero e sexualidade, que ainda são predominantes quando se fala em futebol de mulheres, assim como vivências que a maioria compartilha, cada uma no seu próprio contexto, porém com muitos aspectos similares. A escolha por uma discussão que passasse pela iniciação esportiva, proporcionou entender o que originou e motivou essa aproximação e amor pelo futebol. Podemos constatar a influência da família e, posteriormente, uma independência com a prática do esporte na rua. Momento esse que originou os primeiros enfrentamentos com preconceitos quando criança. Ajudando também a entender que muitos desses processos iniciais refletiram na vida adulta. Os traumas, as primeiras interrupções, as negociações com as obrigações e a troca de prioridades, foram alguns aspectos fortes a respeito da permanência e sustentação dessas mulheres na prática do Futebol 7. Afinal, trabalho, estudo e relacionamentos foram ganhando espaço na vida adulta e interferiram no modo de sustentar a prática. Assim como a maneira de encarar novamente os preconceitos, agora com outra maturidade, em outro momento da vida,

proporcionando uma vivência diferente e que, de certa forma, oportunizou superar os antigos estigmas criados na infância.

Encerrando a discussão pudemos ter a noção de como estas mulheres enxergam a competição e o desenvolvimento das mulheres no futebol 7. Por se tratar de uma geração inteira que vem vivendo esse processo de democratização dos “futebóis”, com o futebol 7, não foi diferente. Acompanhamos pelos relatos a diferença de conjuntura, quando do início com escassez e inexistência de competições, e agora no atual momento onde se briga e se troca de federação, buscando competições que paguem premiação para as mulheres. Passamos do ‘que bom que tem um espaço pra jogar’, para agora uma narrativa que é outra: ‘se não tiver premiação, não vamos jogar’.

Vejo então, que o principal legado deste estudo é a afirmação da mulher dentro do ambiente do futebol. Como vai se constituindo e como são as formações identitárias das mulheres que jogam futebol. Porque a partir das construções identitárias consegue-se produzir trajetórias e movimentações estruturais institucionais sobre a modalidade. Para isso, é importante compreender como se constrói a identidade de uma mulher que joga futebol e o que faz parte dessa construção.

Existe um grupo de mulheres que vem lutando há algum tempo pelo futebol de mulheres. Agora, estamos estudando as mulheres que passaram pelas mãos das primeiras gerações a brigar por esse espaço no futebol. Mulheres essas que estão aproveitando de uma parte dessa luta e influenciando no progresso da modalidade do futebol 7. Ouvimos mulheres fruto dessa luta anterior, contribuindo para a evolução que já começa a refletir nas gerações mais novas, atuais e futuras. Estudamos mulheres que começaram suas trajetórias no futebol e que viveram o futebol já com as ressonâncias desses movimentos protagonizados por mulheres da geração anterior, e que continuam a influenciar e transformar a prática atualmente. O processo de lutas vem aumentando a abrangência do futebol de mulheres, o movimento do campo, chegou no futsal e agora toma maiores proporções no futebol 7.

Por essa razão acredito que estudos similares a este deveriam ser mais recorrentes, pois existem poucos trabalhos sobre a modalidade futebol 7, e é preciso falar sobre a importância de se debater e estudar o futebol de mulheres. Mesmo que

ainda existem muitos impeditivos e questões que limitam a disseminação da prática, por fatores já relatados como preconceito, gênero e sexualidade, e as próprias interrupções. Devemos ter uma visão positiva também, focar no que está dando certo, no que vem potencializando essa prática, e o amor por este esporte. Falar do futebol de mulheres propriamente dito e não ficar a todo o momento lamentando e relacionando com o futebol vendido na televisão, para homens.

REFERÊNCIAS

AIMI, G. **A organização do futebol sete no rio grande do sul: vestígios históricos (1987-2013)**. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura em educação física). Porto alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

ALTMANN, Helena. **“Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física”**. Dissertação de mestrado em educação. Belo Horizonte: UFMG, 1998, 111p.

ALVES, Caio Figueroa Prada. **A história e o processo de profissionalização do futebol 7**. 2015. 65 f. Monografia (Especialização) - Curso de Curso de Comunicação Social, Faculdades Integradas Hélio Alonso, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.colegiohelioalonso.com.br/pdf/monografias/20112610.pdf>. Acesso em: 8 set. 2022.

ALVES, E.C. e AQUINO, M. De A. **A pesquisa qualitativa: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações do PPGCI/UFPB - 2008 a 2012**. 2012

ASTARITA, P. E. **Incentivos e dificuldades vivenciados por atletas do futsal feminino universitário**. 2009. 26f. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BARDIN, L. (2006). **Análise de conteúdo** (L. De A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977)

CARVALHO, Luiz. N. **Registros históricos do futebol sete no rio grande do sul: o tempo presente**. Trabalho de Conclusão de Curso, em Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

CHIZZOTTI, A. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Revista Portuguesa de Educação. v.16, n.2, p. 221-236, 2003.

FERNANDES, G. T. **As experiências vividas por atletas da seleção brasileira feminina de futebol 7: contribuições de sua participação e êxito no esporte**. Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2019

FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 25, no 50, p. 315-328 – 2005

FURLAN, Cássia Cristina; DOS SANTOS, Patrícia Lessa. **Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade**. Motrivivência, n. 30, p. 28-43, 2008.

GAZETA ESPORTIVA. **Marta classifica jogo no Pacaembu como "histórico"**. Disponível em:

<<http://esporte.ig.com.br/futebol/2009/10/17/marta+classifica+jogo+no+pacaembu+c+omo+historico+8856943.html>> Acesso em 05 agosto. 2022

GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, v. 27, p. 27001, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.110157>. Acesso em: 30 agosto. 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.2,p.143-51, abr./jun.2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/download/16590/18303>. Acesso em: 3 set.2022.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no brasil: entre incentivos e interdições na história. **Revista pensar a prática**, v.8, n.01, p.85-100, jan/jun. 2005.

JORDÃO; M. M. M.; DA SILVA, T. R. **Fut7Cast**; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina; 2022.

KESSLER, Cláudia Samuel. **“Mais que barbies e ogras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos.”** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

KNIJNIK JD, Vasconcelos EG. **Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil**. In: Cozac JR, organizador. Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte. São Paulo: Annablume; 2003. P.73-90

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A rede de lazer. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3. Ed. São Paulo: Hucitec; Unesp, 2003, p. 101-138.

MENDONÇA, Renata. **Estudo da Fifa mostra descaso de anos do Brasil com o futebol feminino**. Dibradoras, 16 de julho de 2019. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/05/20/band-triplica-audiencia-com-futebol-feminino-em-estreia-das-transmissoes/>. Acesso em: 14 set. 2022.

MENTZ, L.B. **Futebol de mulheres : a constituição do corpo, gênero e sexualidade nos discursos das atletas**. Trabalho de Conclusão de Curso, de Bacharel em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2018

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992.

MOZZATO, A. R. e GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea [online]**. 2011, v. 15, n. 4 [Acessado 24 Agosto 2022],p.731-747. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415->

65552011000400010>. Epub 18 Jul 2011. ISSN 1982-7849.
<https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000400010>.

PACHECO, A. C.; STIGGER, M. P. “É lazer, tudo bem, mas é sério”: notas sobre lazer a partir do cotidiano de uma equipe máster feminina de voleibol. **Movimento**, v. 22, n. 1, p. 129–142, 2016. DOI: 10.22456/1982-8918.52205. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/52205>. Acesso em: 8 out. 2022.

PISANI, M. da S.; KESSLER, C. S. As mulheres no Universo do Futebol brasileiro: resgatando o gênero. **Conexões**, Campinas, SP, v. 20, n. 00, p. e022017, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8667753>. Acesso em: 10 out. 2022.

PISANI, Mariane da Silva. **Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

ROMERO, E. (1994). A educação física a serviço da ideologia sexista. **Revista brasileira de ciências do esporte**. 15, 3.

ROHDEN, F. **A popularização dos hormônios: verdades científicas ou metáforas para falar de gênero?**. In: Dossiê Gênero (fev/2017) Comciência. 2017.

SALVINI, Leila; SOUZA, Juliano; JÚNIOR, Wanderlei M. Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, (São Paulo) 2015 Out-Dez;

SALVINI, Leila e MARCHI, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte [online]**. 2016, v. 30, n. 2 [Acessado 23 Setembro 2022] , pp. 303-311. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-55092016000200303>>. ISSN 1981-4690. <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000200303>.

SCHÖNARDIE, M. G. **Como nunca teve ninguém com paciência pra ensinar : a relação das mulheres com o conteúdo Futebol/Futsal nas aulas de Educação Física**. Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2021

SILVA, G. C. e. **“Futebol Feminino: Proibido para quem? Uma análise de duas reportagens sobre o futebol praticado por mulheres no período anterior a sua regulamentação como esporte”**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012..

SILVA, M.C. **Autoimagem e Autoestima de jogadores de futebol: Uma revisão de literatura.** Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2012.

SOUZA, M.M. **Futsal também é coisa de mulher: por que será que elas o praticam?** 2011. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Escola de Educação Física Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

VIANA, Aline Edwiges. Futebol: das questões de gênero à prática pedagógica. **Conexões**, v.6, p. 640-648, 2008

VIEIRA, Talita Machado; JUSTO, José Sterza; MANSANO, Sonia Regina Vargas. "Corpo e gênero na experiência inicial de jogadoras de futebol". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 2, e79309, 2021.

VILANI, L.H.P.; SAMULSKI, D.M. **Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes.** In Silami-Garcia, E.; Lemos, K.L.M. Temas Atuais VII: Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Editora Health, 2002. P. 09-26

APÊNDICES

APÊNDICE A- Entrevistas semiestruturada

NOME:

IDADE:

OCUPAÇÃO ATUAL:

BLOCOS DA ENTREVISTA:

1. Início da história com o futebol

- Como foi na infância
- praticou na escola e/ou escolinhas de futebol
- relação da família
- Quem incentivou a prática?

2. Resistências na vivência com o futebol

- momentos que se afastou
- já pensou em parar/largar?
- que pessoas ou situações ofereceram alguma resistência, impeditivos
- Trabalha e/ou estuda em qual área
- como isso (trabalho e/ou estudo) interfere na relação com o futebol

3. Por que o FUT7?

- como conheceu como uma possibilidade de participação para as mulheres?
- como começou?
- por que competir?
- Como negocia treino e jogo com afazeres e obrigações
 - O que prioriza entre jogo e aniversários eventos time do coração festas....
 - como se percebe dentro desse espaço? O que traz associado a pratica? O que provoca (sentimentos, consequências...)?
 - como percebe as mulheres nesse espaço?

APÊNDICE B- TCLE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Colaboradora,

Você está sendo convidada a participar da entrevista de um estudo sobre o esporte e o lazer, desenvolvido no universo do futebol de mulheres - futebol 7. Na cidade de Porto Alegre/RS. Assim, peço que leia este documento e apresente suas dúvidas antes de consentir, através da assinatura, a participação nesta pesquisa. Se desejar, você receberá uma cópia do Termo de Consentimento.

Cabe salientar que, em qualquer momento, você pode questionar o presente documento e obter informações sobre o trabalho.

Título do projeto: "De que maneira as mulheres que se engajam sistematicamente com o futebol 7 significam a modalidade - um estudo sobre o que sustenta o vínculo em seu cotidiano e as fazem permanecer na modalidade."

Objetivos do Estudo:

Este estudo tem como objetivo compreender como os significados de uma prática esportiva se articulam com a sustentação da mesma num espaço/tempo de lazer pautado pelo rendimento, em relação a todo um contexto e atribuições externas a essa prática.

Procedimentos:

Para concretizar este objetivo, realizarei, durante o ano de 2022, entrevistas com roteiro semiestruturado, previamente agendadas, pessoalmente. O áudio será gravado e posteriormente transcrito para que seja realizada uma análise das respostas. Nesse sentido, você é uma dessas pessoas-chave. Caso concorde em colaborar com o estudo, as entrevistas, que foram previamente agendadas e em local combinado, terão um tempo de duração de, aproximadamente, 60 minutos. Cabe salientar que o áudio será gravado e transcrito conforme a necessidade do trabalho e arquivado em local privado, sob a responsabilidade da pesquisadora.

Riscos e Benefícios do Estudo:

Sua adesão como colaboradora do estudo não oferece nenhum risco à sua saúde, tampouco submeterá você a situações constrangedoras. A qualquer momento você está autorizada a retirar ou modificar, a seu critério, qualquer informação concedida no momento da entrevista.

Este estudo poderá contribuir no entendimento do esporte futebol 7, particularmente no contexto do futebol de mulheres, que está situado num espaço/tempo de lazer e sustentado por uma sólida rede de sociabilidade feminina.

Confidencialidade:

Todas as informações cedidas por você ficarão protegidas de utilizações não autorizadas e a sua identidade será preservada como sujeito dessa pesquisa.

Voluntariedade:

Você poderá desistir a qualquer momento do estudo, possibilitando que seja interrompido o processo de produção de informações se assim for seu desejo, sem qualquer penalização ou prejuízo.

Contatos:

Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rua Felizardo, 750, Jardim Botânico, CEP 90690-200, Porto Alegre –RS.

Thaís Coutinho Toscano de Oliveira

Email: thais_coutinho93@hotmail.com

Fone: (21)97413-8572

Orientadora:

Ariane Corrêa Pacheco

E-mail: arianepacheco@gmail.com

Telefone: (51) 981290723

Sendo assim, declaro estar ciente do exposto e desejo participar da pesquisa.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2022.

Nome: _____

Assinatura: _____

Pesquisadora: Thaís Coutinho Toscano de Oliveira

Orientadora: Profa. Dra. Ariane Corrêa Pacheco